



O MINISTÉRIO ADVENTISTA

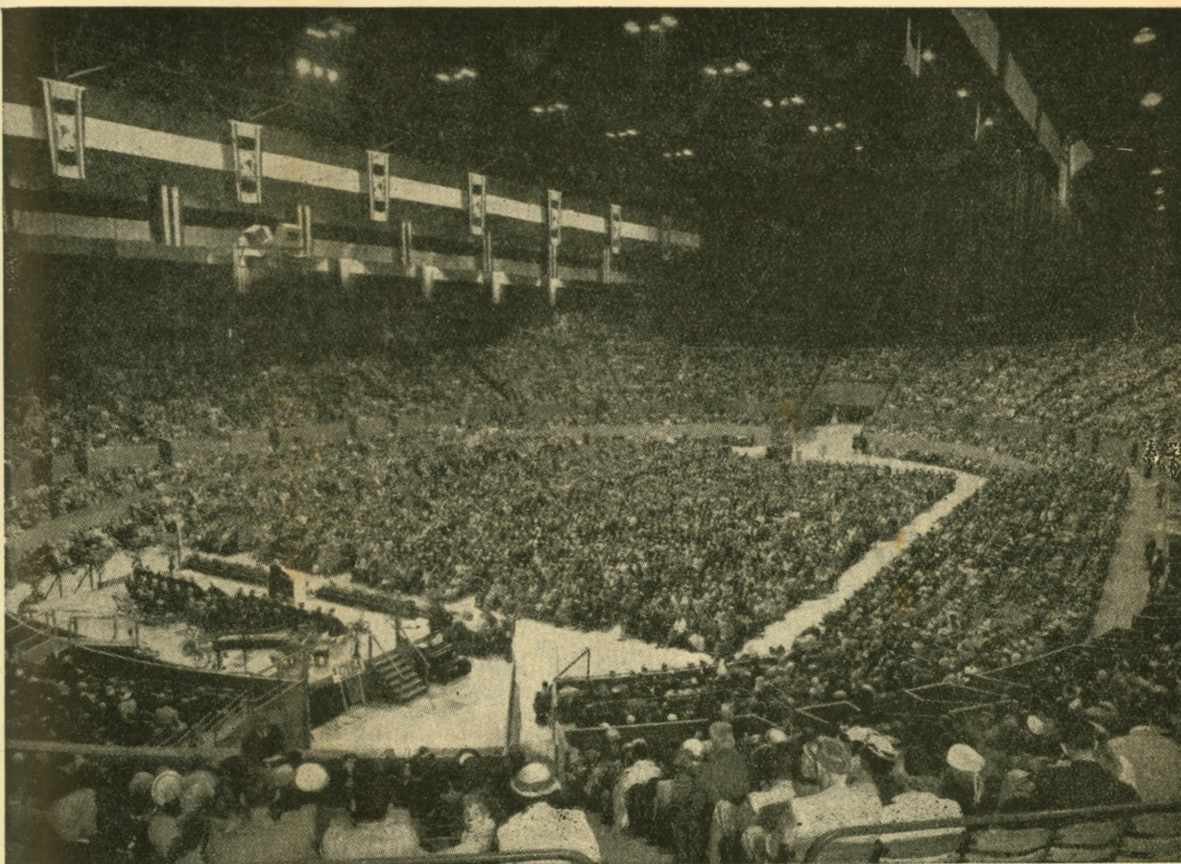


ANO 22

MAIO-JUNHO DE 1956

Nº. 3

Aspecto de uma Reunião de Assembléia Geral dos Adventistas do 7º Dia



“O objetivo de uma reunião campal é levar todos a se afastarem dos cuidados, dos negócios e das preocupações, e a consagrarem alguns dias exclusivamente a buscar ao Senhor. Devemos ocupar o tempo em exame interior, esquadrinhando intimamente o coração, fazendo contritas confissões de pecado, e renovando nossos votos ao Altíssimo.” — *Test. Sel.*, [Edição mundial] Vol. II, pág. 384.



A Família do Obreiro

A FAMÍLIA do obreiro cristão constitui um fator importante do seu êxito. Muitas vezes é a influência da família que decide o progresso ou a paralisação do obreiro.

No círculo familiar aprendemos coisas que aplicamos em nosso trabalho. Até a entrada despreocupada em nossa casa, ou a saída dela, exerce influência sobre nossa vida. No ambiente doméstico descansamos; no seio da família amamos e somos amados; servimos e somos servidos. Provavelmente a atmosfera do lar seja a mais parecida com a do Céu. A vida que o obreiro leva e o espírito que em sua família prevalece, se refletem em todas as suas atividades, embora ele muitas vezes não se dê conta disso.

Nossos filhos podem ensinar-nos lições muito valiosas. Ao contemplar o espírito de submissão aos pais, podemos compreender, em parte, a grande e amável relação que existe entre Deus e Seus filhos. Quando nossos filhos recorrem a nós em busca de conselho, e ao cumprirem as tarefas de que lhes incumbimos, devemos lembrar nossa relação com Deus. O gozo de nossos filhos, bem como suas experiências amargas, e a circunstância de que eles buscam os pais para com eles partilhá-las, deveria chamar-nos a atenção para a nossa relação com o Pai. Ao vermos crescer nossos filhos física e mentalmente, devemos lembrar o plano de Deus, segundo o qual Seus obreiros devem crescer no conhecimento e na graça do Senhor. Ao expressarmos nosso terno amor a nossa esposa e filhos, impressionar-nos-emos mais e mais com a influência do Pai Supremo em nossas experiências doces e amargas da vida diária.

Quando o filho sai do lar paterno para ausentar-se para longe ou estabelecer seu próprio lar noutro lugar, ou ao ver-nos obrigados a despedir-nos de algum ser amado perante a sepultura, sentimos, em parte, como terá sido ferido o coração do universo inteiro ao abandonar o Senhor Jesus as côrtes celestes para vir a este mundo escuro. Quando nossos filhos demonstram tendências de afastar-se dos ensinamentos do lar e do santo Evangelho, recordemos a história do filho pródigo, e esse drama tornar-se-nos-á mais real, para bem de nosso ministério.

Abraão é conhecido cada vez mais como uma figura saliente do mundo antigo. Mostrou ele consideração e amor para com todos os de sua casa. Foi bondoso até com o criado mais humilde de seu lar. Considerou cada membro do mesmo como um

companheiro que com ele partilhava da graça de Deus. Abraão não teve favoritos no seio da família. Grangeou o favor dos reis e príncipes por tratá-los com a mesma consideração que dispensava aos membros de sua casa.

O obreiro cristão do século XX muito aproveitará para a formação de sua personalidade e benefício espiritual, se cuidar muito de suas relações de família, exercendo no seio da mesma, consideração para com todos os que a compõem.

Ao escolherem-se homens para postos de responsabilidade no movimento adventista, toma-se muito em conta a atitude do obreiro para com sua família. Consideremos, pois, nossa família. Estimulemos o amor e o espírito de serviço de um para com outro no círculo do lar. Tomemos parte ativa nas tarefas da casa, contribuindo para que a mesma seja mais atrativa. Fazendo estas coisas teremos um valioso galardão em nosso trabalho de ministros cristãos. — W. E. M.

Pontualidade

“A FALTA de pontualidade é falta de virtude”, disse alguém com todo o acerto. Notei em alguns lugares que os pregadores anunciam uma reunião para as oito horas da noite, quando em realidade pensam começá-la meia hora mais tarde. As vezes é o diretor da escola sabatina quem chega com cinco ou dez minutos de atraso. Outras, é a Sociedade Dorcas que não funciona como deveria, devido a que certas pessoas de talento nunca chegam a tempo.

Irmos, estas coisas não deveriam existir entre nós. Quem chega atrasado a uma entrevista, rouba o tempo dos demais. Se fazemos esperar a dez pessoas durante dez minutos, o tempo de todas, somado, equivale a cem minutos de uma pessoa. E muito é o que se pode fazer nesse tempo. Napoleão se considerava capaz de ganhar uma batalha em dez minutos. . . .

A pontualidade deve caracterizar os que trabalham na causa do Evangelho. João Batista saiu para o deserto da Judéia, dizendo que havia chegado o reino dos Céus, e em Rom. 5:6, lemos: “Porque Cristo . . . morreu a Seu tempo pelos ímpios”. Quão importante foi que João Batista cumprisse a sua missão a tempo. No plano de Deus havia um tempo prefixado para isso. João sabia isso e cumpriu sua missão pontualmente. Também estava prefixado o tempo em que Cristo teve que morrer, e o Salvador não se atrasou, mas fez-o a tempo.

Nós, como obreiros cristãos, devemos dar a devida importância à pontualidade, pois ela é índice de outros traços de caráter da personalidade. As pessoas se dão conta disso e por muitos e grandes esforços que façamos para encobrir nossas faltas, as mesmas serão descobertas se chegamos com atraso aos nossos compromissos. Se nos atrasamos habitualmente no pagamento de nossas contas, nossa atitude despertará uma multidão de suspeitas na mente dos que conhecem este traço de nosso caráter.

Pela graça de Deus decidamos ser pontuais em cada aspecto de nossa vida diária. — W. E. M.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Luiz Waldvogel

Redator associado — Rafael de A. Butler

Colaborador especial:
Walter E. Murray

ILUSTRAÇÕES

Ajuntar os Fragmentos

FAZ alguns anos trabalhava na Itália um grande artista em mosaicos. Tinha ele um jovem aprendiz que limpava e varria o estúdio. Notou o rapaz quantos cacos de vidro e pedra eram atirados ao chão e varridos para o lixo, e pediu ao seu mestre permissão para recolhê-los. Alguns meses mais tarde surpreendeu-se o mestre ao ver, escondida num depósito, uma bela obra de mosaico, executada pelo rapaz com os fragmentos atirados fora. Assim devemos nós ajuntar os fragmentos de nosso tempo, conhecimento, oportunidades, etc., e reuni-los num mosaico vivo de utilidade para outros e para glória de Cristo.

A Persistência Recompensada

Não é tanto o esforço especial como o contínuo, que vence. Uma meninazinha empenhava-se em carregar uma tonelada de carvão — uma pá cheia de cada vez — da calçada para o depósito do porão. Alguém que a observava, perguntou-lhe: “Pensa você remover todo esse carvão com essa pazinha tão pequena?” “Sim, senhor” respondeu ela, “se eu trabalhar bastante”. Essa meninazinha tinha a verdadeira filosofia do êxito. A persistência é a qualidade necessária para o êxito. Estão fracassando na vida, milhares de pessoas que seriam bem sucedidas se “trabalhassem bastante”. Não desanimeis ao encontrardes montanhas em vosso caminho. Passo a passo podereis galgá-las. Tudo quanto precisais fazer é prosseguir dando passos. — *More Illustrations and Quotable Poems*, por A. Bernard Webber.

Coefficiente Pessoal

UMA fábula antiga diz que a rainha da aves, desejando saber o que era o mundo, enviou à Terra dois emissários para dar-lhe relatórios.

O primeiro era o corvo. Depois de percorrer este nosso planêta, voltou dizendo que virá só cavernas, erosões, putrefações, cadáveres e carne em decomposição. Na verdade ele só virá isso.

Mandou depois a rainha outro emissário: o rouxinol. Ao voltar, narrou, entusiasmado, que virá um país de rios formosos, de fontes cristalinas, de flôres, de florestas e de grandes encantos. Tão emocionado ficara, contemplando essas belezas, que muitas vezes teve de cantar inspirado por elas.

Como se vê, focaliza essa fábula uma grande lei psicológica: na apreciação das realidades que contemplamos, entra sempre, com poder considerável, o coeficiente pessoal. — *Respigando*, coletânea de UNITAS.



ANO 22 Nº. 3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

A Família do Obreiro	2
Pontualidade	2

ILUSTRAÇÕES

Ajuntar os Fragmentos	3
A Persistência Recompensada	3
Coefficiente Pessoal	3

ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida, Capítulo XII — Continue Desenvolvendo-se	4
“Conheço a Jesus, e Bem Sei Quem é Paulo”	7
A Cronologia de Esdras 7 — VI parte, O Artaxerxes Bíblico	8

OBRA PASTORAL

A Necessidade de Aprimoramento Pessoal	13
--	----

EVANGELISMO

O Dom de Línguas	15
----------------------------	----

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

A Influência da Alimentação — Parte V, Mensagens Sobre Saúde para Obreiros e Líderes	18
---	----

NOTAS E NOTÍCIAS

O Comentário Bíblico Adventista	20
---	----

ARTIGOS GERAIS

Conjugação de Esforços na Vida

ARTUR L. BIETZ

(Pastor da Igreja White Memorial)

Capítulo XII — Continue Desenvolvendo-se

CONFÚCIO ensinava que os homens deveriam crescer e desenvolver-se constantemente. Indicava que um cavalheiro deve seguir o seguinte plano: Aprender até aos quinze anos, forjar-se um futuro até aos trinta, até aos quarenta manter ainda suas crenças, durante a década seguinte iniciar-se na arte de captar os oráculos do Céu, aos sessenta manter-se com a mente receptiva, e aos setenta ser capaz de realizar qualquer coisa que deseje sem o temor de que vá fazer alguma coisa má. Eis um plano de progresso e aperfeiçoamento contínuos. A pessoa pode desenvolver-se à medida que o tempo passa ou meramente chega a velho, porque assim o impõe o transcurso dos anos. O desenvolvimento não é automático; é o resultado do esforço e da aplicação conscientes.

Faz vários anos um grupo religioso adotou este lema: "Milhões de pessoas que agora estão vivendo nunca morrerão." Em verdade pode dizer-se que muitos que agora vivem já estão mortos. Alguns deixam de existir intelectualmente aos trinta anos, mas apenas são enterrados fisicamente aos sessenta. Certa vez foi pedido a um intelectual de renome que se unisse a um grupo de ex-discípulos para celebrar uma reunião comemorativa de vinte e cinco anos de diplomação. Recusou ele o convite com base em que não tinha interesse em banquetear-se com homens mortos. Muitos de seus antigos companheiros de estudos haviam sido pessoas promissoras e com magníficas perspectivas, mas se afundaram numa mediocridade materialista e estavam satisfeitos com viver intelectualmente estancos. Sua mente morrera.

Uma senhora idosa encontrou um bêbado agonizante estendido na neve, e tratou de ajudá-lo. O homem resmungou, dizendo que queria que o deixassem abandonado para poder morrer. Ela replicou: "Crê o senhor que para estar morto precisa encontrar-se dentro de um caixão? Amigo, o senhor já está morto!"

Em realidade, a capacidade de aprender reduz-se lentamente à medida que os anos passam. Muitos adultos se queixam de que não podem aprender rapidamente nem lembrar-se com exatidão. Em geral esta incapacidade se deve à falta de interesse, e não de capacidade. Demasiadas pessoas estão satisfeitas com o que sabem e, portanto, não realizam o menor esforço para aprender o que quer que seja novo. Visto não terem vontade para concentrar-se, falta-lhes a retentiva. Se estivessem dispostas a aplicar-se e a manter o interesse na aprendizagem, seriam capazes de lembrar. A men-

te enfraquece por falta de uso. Portanto, em quatro anos de negligência intelectual uma pessoa pode perder sua capacidade em maior grau do que a cultivou durante quarenta anos de aplicação conscienciosa.

É verdade que "um cão velho não pode aprender truques novos?" Em sentido lato este adágio é correto, porque os cães velhos não têm interesse em truques novos; são preguiçosos demais para realizar o esforço. Preferem estar recostados num sofá macio e morno. Recentemente um estudante de trinta e cinco e outro de setenta e cinco anos, foram submetidos a uma prova para determinar sua capacidade retentiva. Ao serem examinados separadamente, o homem de mais idade fez trabalho melhor que o do jovem. Ao serem reunidos e explicando-se-lhes o motivo do exame, o resultado favoreceu o mais jovem, porque o primeiro se sentia desassossegado e ansioso quanto ao resultado. Não obstante, a capacidade deste não fôra reduzida pelo transcurso dos anos.

Conheço uma senhora, também de setenta e cinco anos, que anualmente estuda um período de cem anos da História. Fêz isso durante muitos anos e a mente conserva-se-lhe ativa e com todo o vigor e receptividade juvenis. Sua capacidade retentiva permanece imutável.

Outro amigo de oitenta e cinco anos, está constantemente à cata de idéias e planos novos. Encanta-o relacionar-se com os jovens porque o estimulam para abordar novos campos de estudo. Este desejo intenso de aprender manteve-o mais jovem que muitos homens que conheço e que só têm trinta anos de idade. A idade não é assunto de números e cronologias; é assunto de flexibilidade intelectual e do afã de aprender. Os jovens aprendem porque são curiosos e pesquisadores. Andam em busca de coisas, e vêem-nas.

Tive a oportunidade de falar a uma anciã de setenta e cinco anos que se sentia desgraçada. Ao interrogá-la acerca de sua vida em geral, e de como passava os seus anos, me respondeu: "As coisas não vão de todo bem. Tenho problemas com meus netos. Não sei onde irá parar esta nova geração. Busco instruí-los o melhor que posso, mas eles não se dispõem a escutar-me. Parece não se sentirem a gosto ao meu lado. Dizem que sempre estou encontrando erros na maneira em que são feitas as coisas e que insisto em que as façam como eu as fazia quando era jovem. A vida já não me dá mais prazer".

Senti interesse em descobrir o segredo da feli-

cidade que irradiava da face de outra avó que tinha aproximadamente a mesma idade da anteriormente citada. Perguntei-lhe como se encontrava, e sua resposta foi: "Em realidade estou nos melhores anos de minha vida. Nunca me senti tão jovem. Sem dúvida o senhor saberá que tenho dez netos e eles me mantêm sempre de bom ânimo. Minha mente se conserva ativa com buscar aprender tudo quanto eles me ensinam." O segredo residia em seu afã de aprender, e não no de ensinar. Podemos estar certos de que as crianças aprendiam muito dela, mas, por sua vez, esta anciã tirava proveito de seu trato com os netos. A primeira anciã estava intelectualmente morta; não desejava saber mais do que aprendera quando jovem. A outra, porém, tinha mente receptiva e sempre disposta a prosseguir aprendendo.

Uma senhora de oitenta e seis anos de idade contou-me sua história de disciplina e desenvolvimento intelectuais. Declarou que ao cumprir cinquenta anos já seus filhos haviam abandonado a casa e estabelecido seus próprios lares, ficando ela só com o espôso. Martirizavam-se mutuamente os nervos, e ambos eram cada vez mais infelizes. Finalmente compreendeu que estava desgostosa consigo mesma porque estagnara intelectualmente, de modo que se traçou um plano de estudos. Lembrou que, quando criança, seu professor lhe dissera que possuía notáveis aptidões poéticas, e pôs-se a escrever poesias. Seus versos ganharam fama e recebeu muitos prêmios por seu excelente trabalho. Isto a fez feliz. Por outra parte sempre gostara de pássaros, e dedicou-se a realizar estudo acurado das aves da Califórnia. Uns poucos anos mais tarde, publicou seu livro que atualmente é encontrado em livrarias importantes. Agora, na idade de oitenta e sete anos, seu passo é firme e vibrante, e os olhos fulguram-lhe com um brilho juvenil que revela genuíno interesse na vida. Disse-me que já tem planos para os próximos treze anos. Seu lar foi salvo porque ela não se deixou morrer aos cinquenta anos. Sua lucidez e atividade intelectuais lhe conferem saúde emocional e mental; seu desejo de aprender salvou-a.

Uma das primeiras características da pessoa madura é a disposição para aceitar novas verdades. Os que recusam adaptar-se a idéias novas estão excluindo a possibilidade de viver vida plena e expansiva. As atitudes intransigentes que denotam intolerância, são o resultado natural das idéias e convicções estáticas. Milhões de pessoas são impermeáveis a tudo quanto lhes é desconhecido, embora possuam prova substancial de sua veracidade. Consagram tôdas as suas energias para deter a investida das inovações em tôdas as suas formas. Essa relutância para aceitar as idéias novas caracteriza muitíssimos adultos. Quando alguém pretende explicar cada coisa em harmonia com o que era conhecido e aceitável anteriormente, revela instabilidade básica e perigoso desinteresse para reconsiderar o que já cria. Um erudito pode ser tão inflexível em sua decisão de não aceitar teorias desconhecidas, quanto alguém falto de tôda instrução. A pessoa progressista encara a vida com curiosidade e interesse infantis, e está preparada para aprender tudo que é novo e garante uma existência de mais êxito e utilidade, e disso apropriar-se. A flexibilidade intelectual, portanto, é um dos ingredientes necessários de uma experiência fecunda.

Os que estão intelectualmente mortos, dificilmente são abordáveis mediante considerações sensatas. Defendem seu parecer e lutam por suas opiniões, sem ter em conta a lógica ou a razão. São como o homem que declarou que estava disposto a que o convencessem de que estava errado, mas certamente gostaria de conhecer a pessoa que pudesse fazê-lo. O indivíduo mentalmente alerta não teme a verdade, mas admite humildemente as deficiências de seu conhecimento e considera com interesse as idéias novas, quando estas são o resultado de investigações verificáveis. Os que têm mente receptiva e ágil, libertam-se da rigidez e advogam o exame das novas verdades com atitude intelectual tolerante e solícita, quer provenham do mundo natural quer do espiritual.

O propósito principal da vida é o desenvolvimento cabal e harmonioso, e o auxílio a outras pessoas para que façam o mesmo. Cada ser humano deve operar o seu próprio desenvolvimento, mas as relações com os demais podem estimulá-lo. Esta é a missão de um médico, um educador e um pastor em seu trato com os homens. Como cultivadores da alma devem tratar de proporcionar a umidade, o ar, a luz e os elementos químicos necessários para que ocorra êsse crescimento.

Quais são os elementos imprescindíveis para o desenvolvimento? Quando alguém ama sinceramente as coisas e as pessoas, progride em todo o sentido. E chega ainda mais alto quando êsse amor o inspira para elevar-se a níveis sempre superiores. Quem ama procura adaptar-se às necessidades do objeto de seu amor, e êste espírito de adaptação conduz ao desenvolvimento de quem o alimenta. Quando os seres humanos chegam à conclusão de que devem adaptar-se à idiossincrasia dos a quem amam e às novas situações que se lhes vão apresentando, sem com isso abandonar nenhum princípio moral, indefectivelmente robustecerão sua personalidade e melhorarão o caráter. Tôda vez que um fato ou uma nova verdade, não importa quão pequenos sejam, lançam raízes em nós, o processo do crescimento é ativo. A aprendizagem sempre implica um desenvolvimento.

Êste desenvolvimento progressivo ocorre, também, na contemplação e no reconhecimento do belo. Todo ser humano pode fomentar o cultivo de seu espírito mediante nova apreciação da beleza que se encontra no mundo natural. Para deleitar-se sempre diante de uma flor bela, é necessário progredir na capacidade de apreciar o belo. O cultivar primorosamente um jardim conduz-nos a novas experiências cujas conseqüências são o progresso e o desenvolvimento de algum aspecto de nosso ser.

O serviço em prol dos demais, indefectivelmente deixa o mesmo saldo. Uma costureira aleijada encontrou sua felicidade em ensinar outras pessoas a costurar, e algum tempo mais tarde se deleitava em dirigir um estabelecimento onde só trabalhavam inválidos. Com a ajuda dela, e a de Deus, prestaram serviço eficaz à sociedade por espaço de mais que vinte anos.

O sofrimento, também, pode conduzir ao crescimento do ser humano, segundo o experimentei em minha própria vida. Uma doença física pode ser um verdadeiro agulhão que nos estimule a compreendermos melhor a nós mesmos e aos demais. Algumas das pessoas que mais plenamente

te viveram encontram-se também entre as que mais sofreram.

Os elementos necessários para desenvolver-nos cada vez mais são, pois, o amor, o estudo, o serviço, o gosto do belo e o sofrimento. Quem aspira à perfeição progride constantemente. Não se conforma com alcançar um alvo determinado mas cultiva sempre faculdades tais como a simpatia, o valor, a honestidade, o otimismo, o amor e a tolerância. Toda pessoa deve desenvolver-se no sentido que lhe sugerem suas próprias aptidões e talentos. Ninguém deve buscar que outrem modele e assimile seu próprio modo de ser. Um estudante, por exemplo, não deve tratar de que todos leiam os mesmos livros que ele está lendo. Talvez ele se interesse na erudição, pelo que seus livros não despertarão nenhum interesse em quem não deseja ser erudito. Um espóso deve permitir que sua esposa cultive as habilidades concernentes à sua condição de mulher, tais como a decoração dos vários ambientes da casa, a arte culinária e a educação dos filhos. Nunca duas pessoas se desenvolverão exatamente na mesma maneira, nem se espera que isto aconteça.

Permita-se que cada filho se vá orientando em conformidade com as suas aptidões. Se tem inclinação para o estudo, seja animado nesse sentido. Se possui aptidões mecânicas relevantes, então a educação que se lhe ministra deve atender de maneira especial êsses dons inatos. As pessoas de discernimento e capacidade notáveis para o estudo da natureza, cultivem êsses interesses.

Insensato é supor que porque V.S. se está desenvolvendo em determinada direção, todos deverão seguir-lhe os passos. A vida tem muitos aspectos e a cada pessoa teria que oferecer-se a oportunidade de desenvolver-se de acordo com seus interesses e aptidões. A mãe que se dedica aos afazeres domésticos e à criação dos filhos, merece tanta honra quanto o estudante que realiza progressos marcantes em seu campo específico de pesquisas. O vendedor que progressivamente vai adquirindo maior perícia em seu trabalho, deveria receber tanta honra quanto o médico que se aperfeiçoa em sua profissão. As pessoas de mentalidade prática que progridem na compreensão dos problemas técnicos que se lhes apresentam, está-se desenvolvendo tão seguramente quanto o teólogo que consegue dominar algum dogma ou doutrina intrincados.

Todos nós, igualmente, necessitamos desenvolver-nos, mas a direção que êsse desenvolvimento tome, estará determinada unicamente por nossas aptidões, talentos e interesses. Muitos se debatem na confusão mental e emocional por não haverem traçado planos definidos para o seu progresso pessoal. São dignos de lástima. Quando um indivíduo perde sua flexibilidade, começa a envelhecer. Isso pode ocorrer aos vinte e cinco, aos trinta e cinco ou aos sessenta e cinco anos; mas não é obrigatório que aconteça aos noventa e cinco.

Determine a própria flexibilidade intelectual, respondendo às perguntas seguintes:

1. Modificou V.S. recentemente seu ponto de vista no tocante a algum problema de certa importância?

2. Agrada-lhe tratar com os mais jovens, ou parece-lhe que suas idéias são revolucionárias?

3. Viajou ultimamente? Se o fez, desfrutou a viagem?

4. Tem interesses, afeições ou recreações especiais?

5. Que aconteceria se tivesse que mudar de planos repentinamente ou alterar sua rotina habitual?

6. Sente que lhe faltam comodidades? Dedicam-lhe as pessoas que o rodeiam suficiente atenção?

7. Quando V.S. conversa com outra pessoa, monopoliza toda a conversação? Aborrece-se quando tem que escutar as idéias de outrem?

8. Interrompe com certa freqüência suas ocupações para fazer um favor a alguém?

9. Está beneficiando nalguma coisa o mundo, ou sente-se relegado em tudo, convencido de que qualquer esforço que se faça é de pouca utilidade?

10. Parece-lhe que os métodos atuais de criar os filhos são melhores que os de sua própria infância?

Ao responder a êste questionário, terá V.S. um índice aproximado de como se sente: velho ou jovem, flexível ou rígido. A vida é flexível; a morte, rígida.

Muitíssimas pessoas têm a idéia de que a educação é para os jovens. Afirmam que alguns são "instruídos" e outros "ignorantes", porque tiveram ou deixaram de ter educação sistemática. Ninguém poderia estar mais afastado do certo. Alguns que nunca freqüentaram nem sequer um único dia de escola, são em muitos aspectos mais educados que os que passaram anos em diversas instituições educativas. Os que deixam de estudar ao concluir sua carreira ou determinado curso de estudos, logo esquecerão tudo quanto aprenderam. A educação é um processo que dura até à morte. Dever-se-ia ir à escola somente com um propósito: aprender a como estudar o resto da vida. As escolas, os ginásios e as universidades deveriam meramente prover as ferramentas para realizar em seguida estudo e observação esclarecidos.

A pessoa flexível é a que se estima a si mesma sem cair na presunção, que se rege por princípios e não obstante não chega a escravizar-se por noções preconcebidas, que tem firmeza de propósitos sem sentir-se hipnotizada pelo alvo que se fixou. A pessoa flexível crê que em parte pode determinar o rumo de sua existência e está consciente de que o êxito ou o fracasso dependem principalmente de si.

Para ter sempre uma atividade sã e otimista dever-se-ia conservar durante toda a vida a flexibilidade intelectual e o desejo de progresso e desenvolvimento. Se se quer alcançar o êxito, deve-se ter isso em mente.

"Sigamos o Salvador em Sua simplicidade e renúncia. O Homem do Calvário seja por nós enaltecido pela palavra e por vida santa. O Salvador chega muito perto dos que se consagram a Deus. Se já houve um tempo em que mais necessitássemos da operação do Espírito Santo no coração e vida, êsse tempo é o presente. Asseguremo-nos êste poder divino para têmos a força de viver uma vida de santidade e renúncia."— *Test. Sel.*, [Ed. mundial] Vol. III pág. 365.

"Conheço a Jesus, e Bem Sei Quem é Paulo"

DELFINO G. GOMEZ

(Diretor do Departamento de Publicações da União Incaica)

VEZES há em que pregamos um sermão bem concatenado e não obstante notamos que não foi um alimento sólido para as almas. O grande apóstolo São Paulo parece que escutara sermões desta espécie, pelo que adverte seu discípulo Timóteo com as palavras seguintes: "Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, ... que pagues a Palavra." II Tim. 4:1 2. É a Palavra de Deus que nos alimenta a alma, "porque a Palavra de Deus é viva e eficaz..." (Heb. 4:12.)

Não faz muito, tive o privilégio de falar por espaço de uma hora com um irmão convertido pelo poder da Palavra de Deus, o qual, havendo sido prestigioso dirigente religioso, como Saulo de Tarso, saiu de "Babilônia" e atualmente, por sua educação e cultura e, sobretudo, por sua entrega incondicional ao Senhor, trabalha como redator em uma de nossas casas editoras. Este irmão me disse: "Pastor, eu não troquei a minha antiga crença pela mensagem adventista porque os adventistas sejam melhores ou piores; sou hoje adventista por que esta é a verdade." O coração deste homem não poderia ser mudado por sermões bem alinhavados, cheios de sabedoria humana mas faltos da "Palavra", pois ele era pregador profissional, mas a "Palavra de Deus... viva e eficaz" penetrou-lhe a alma, juntas e medulas.

Esta é a razão porque alguns dos sermões que pregamos ou escutamos, não importa quem seja o pregador, são como "sal sem sabor e farinha sem fermento," como diz a irmã White em *Evangelismo*, pág. 388 e, indo um pouco mais longe, tampouco é suficiente pregar "a Palavra" — temos que viver a vida de Cristo. O haver Paulo podido dizer "morri," ao mesmo tempo que "não obstante vivo", constitui um dos paradoxos de seus escritos. O apóstolo estava vivo para "Deus em Cristo Jesus nosso Senhor." (Rom. 6:11.) Tão completamente identificado estava com seu Mestre que suas distintas personalidades se confundiam. A nova vida em Cristo não há de começar-se a viver no Céu, mas "na carne", ou seja, no mundo presente.

"Ao nos sujeitarmos a Cristo nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu Espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida." — *Parábolas de Jesus*, pág. 312. Ao experimentarmos isso, compreenderemos as palavras do apóstolo: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo." (Gál. 6:14.)

Na vida do grande apóstolo regista-se o incidente do que aconteceu a alguns pretensos discípulos que quiseram fazer as obras de Paulo sem viver a vida de Cristo. Deixemos, porém, Lucas falar, descrevendo esse incidente: "E Deus, pelas mãos

de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias. ... e alguns dos ... judeus ... tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-te por Jesus a quem Paulo prega. E os que faziam isto eram sete filhos de Sceva, judeu, principal dos sacerdotes. Respondendo, porém, o espírito maligno, disse: Conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo, mas vós quem sois? E, saltando nêles o homem que tinha o espírito maligno e assenhoreando-se de dois, pôde mais do que eles; de tal maneira que, nus e feridos, fugiram daquela casa." Atos 19:11-16.

Por este incidente vemos que o falar de Jesus e pregar em Seu nome não é suficiente. Temos que viver a vida de Jesus, e nossos sermões serão alimento para as almas famintas.

Em nossas igrejas há problemas, e as almas enlanguescem por falta de alimento sólido. "Uma religião fria e legal nunca pode conduzir a Cristo as almas, porque é uma religião sem amor e sem Cristo. A religião do cérebro, não penetra no coração; este se alimenta da teoria da religião, carece da experiência cristã, trata de assuntos externos, e não transforma a vida. É uma religião sem gozo e sem amor, não traz segurança nem vitória." — *Evangelismo*, pág. 388.

É uma profanação o apresentar à congregação de Deus sermões sem profundo estudo, meditação e oração. Enquanto nós, pregadores, não vivermos a vida de Cristo, apresentaremos fogo estranho porque "da abundância do coração fala a boca." Não poderemos meditar profundamente a Palavra de Deus enquanto a não vivermos.

Em 1887 a serva do Senhor enviou mensagens de alarma aos pregadores. Eis uma delas: "Há formalidade demasiada na igreja; as almas estão perecendo por falta de luz e conhecimento. Uma rotina de cultos religiosos é mantida, mas onde está o amor de Jesus? A espiritualidade está morrendo." — *Ch. R.*, 29:2.

A serva do Senhor apontou também o remédio: "Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de nossas necessidades. Buscá-lo deveria ser nosso primeiro trabalho." — *Ch. R.*, 31:3.

Ajude-nos Deus a meditar na enorme responsabilidade que pesa sobre os pregadores das verdades eternas, que deveriam ser apresentadas aos pecadores por boca dos anjos sem pecado. Nossos lábios têm que pronunciar palavras celestiais, e para que estas surtam o efeito que o Céu espera, têm que sair de um coração limpo, de uma fonte pura.

A Cronologia de Esdras 7 -- VI

S. H. HORN e L. H. WOOD

(Professores do Seminário Teológico Adventista)

O ARTAXERXES BÍBLICO

A SUCESSÃO cronológica de Esdras e Neemias.

— Os livros de Esdras e Neemias, que até tempo muito recente constituíam um único livro na Bíblia hebraica (1), narram a história da restauração dos judeus, sob o govêrno de três dirigentes sucessivos: Zorababel, Esdras e Neemias. A veracidade histórica dessa ordem era geralmente aceita tanto entre os judeus como os cristãos, até fins do último século. Entretanto, desde 1890 a situação modificou-se notavelmente. Foi justamente nesse ano que o erudito belga A. Van Hoonacker publicou seu primeiro trabalho sobre a relação cronológica entre Esdras e Neemias; propunha êle uma modificação na ordem tradicional, apresentando Esdras como um dos sucessores de Neemias (2).

Não é êste o lugar para expor o pró e o contra desta teoria que durante os últimos sessenta anos foi aceita por um número cada vez maior de estudiosos. Deveria estabelecer-se, entretanto, que a maioria dos que se aprofundaram no tema ainda estão aferrados ao ponto de vista tradicional, segundo o qual Esdras chegou à Judéia treze anos antes de Neemias, relacionando-se mais tarde com o trabalho dêsse reformador (3). Isto revela que os argumentos apresentados em favor de uma atividade posterior de Esdras em relação com Neemias não foram suficientemente fortes para convencer todos os eruditos quanto à solidez da teoria, segundo a qual Esdras chegou à Palestina depois de Neemias, quer fôsse nos últimos anos de Artaxerxes I, quer no sétimo de Artaxerxes II.

Em face das alegações ocasionais de que "agora pode considerar-se virtualmente inequívoca" a data fornecida por Van Hoonacker para a chegada de Esdras (4), ou em face da afirmação de que "investigações recentes e confirmadas fixam a viagem de Esdras à Palestina" no "sétimo ano de Artaxerxes II" (5), dever-se-ia ter bem presente que esta teoria moderna não foi universalmente aceita.

O Artaxerxes de Neemias

A partir do descobrimento dos papiros elefântinos desapareceram quase totalmente tôdas as dúvidas quanto a qual Artaxerxes se refere o livro de Neemias. As provas contidas em alguns dêsses papiros estabelecem virtualmente o fato de que Neemias desempenhou sua função de governador da Judéia sob o reinado de Artaxerxes I.

Dos papiros elefântinos, AP 30 e 31, deduzimos que Joanã era sumo sacerdote em Jerusalém no ano 407 A.C. (6). Êle é citado em Nee. 12:22 e 23 (ver também Esd. 10:6) como filho do sumo sacerdote Eliasib, que oficiou no tempo em que Neemias governou (Nee. 3:1). Josefo, entretanto, afirma que Joanã era neto de Eliasib (7). Pouco interessa, para nosso estudo, determinar se o

historiador judeu tem razão ou não, já que estamos empenhados em estabelecer que, em conformidade com ambas as fontes, a bíblica e a que Josefo nos fornece, o sumo sacerdote Eliasib do tempo de Neemias, precedeu o sumo sacerdote Joanã, que atuou no ano 407 A. C. Isto situa Neemias como um homem da geração anterior, da época do rei Artaxerxes I.

Colhe-se uma prova adicional da menção feita num dêsses documentos de "Delaías e Selemias, filhos de Sambalá, governador de Samaria" (AP 30, linha 29), mostrando que Sambalá, o mais acerbo inimigo de Neemias, ainda era governador da província vizinha da Judéia, Samaria, no ano 407 A.C. Embora a Bíblia não nos diga que exercia o pôsto de governador, mostra entretanto, claramente que era pessoa de influência e, de acôrdo com o relato, tal como o regista Neemias, não encontramos ali objeção sólida alguma para a suposição de que Sambalá haja sido governador. Parece, entretanto, que no ano 407 A.C. êle era pessoa idosa que transferira para os filhos o cargo do govêrno, pois, no Egito, os Judeus a êles apresentavam os seus pedidos. A época em que Sambalá decidia por si os assuntos do govêrno [sem a intromissão dos filhos] parece haver sido coisa do passado, e pôsto que a obra de Neemias se desenvolveu de forma indubitável no período em que Sambalá esteve ocupado ativamente com os assuntos de Estado de sua província, parece mais evidente que o único Artaxerxes sob cujo govêrno Neemias pôde haver atuado, foi Artaxerxes I, que morreu no ano 423 A.C.

Por essas e outras razões adicionais não tão sólidas, há poucos eruditos que durante os últimos quarenta anos tenham duvidado de que o Artaxerxes de Neemias haja sido outro que não Artaxerxes I (8).

(1) Ver os comentários que, sobre o capítulo IV, são feitos neste mesmo trabalho.

(2) Embora as conclusões aqui apresentadas não sejam partilhadas por H. H. Rowley (The Chronological Order of Ezra and Nehemiah, em seu *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament*, págs. 131-159), seu trabalho constitui uma investigação quase exaustiva da história dêsse problema com um bom comentário dos argumentos apresentados por ambas as partes, e fornece, em rodapé, bibliografia excelente sobre o tema.

(3) *Idem*, pág. 132.

(4) Albright, *From the Stone Age to Christianity*, pág. 248.

(5) Kraeling, *New Light on the Elephantine Colony*, op. cit., pág. 66.

(6) Ver Cowley, op. cit., págs. 114 e 121.

(7) Josefo, *Antiguidades*, XI, 7, 1 (edição de Loeb, Vol. VI, pág. 457).

(8) C. C. Torrey, ao querer fazer de Neemias um contemporâneo de Artaxerxes II, vê-se obri-

O Artaxerxes de Esdras 7

O situar Neemias no tempo de Artaxerxes I resulta em engano absoluto. Se aceitamos a unidade dos livros de Esdras e Neemias, bem como a ordem cronológica do relato que nos apresentam, Artaxerxes I também deve ser tido como a pessoa que concedeu a Esdras permissão para voltar à Palestina e efetuar a reforma do sistema judicial, conforme está descrito em Esdras 7. Nesse caso, Esdras chegou à Palestina no 7º. ano de Artaxerxes I (Esd. 7:7-9) e atingiu o objetivo para que fôra enviado. A seguir encontramos na Bíblia silêncio absoluto quanto às suas atividades ulteriores, até que o encontramos participando da dedicação dos muros de Jerusalém, no tempo de Neemias, pelo menos uns treze anos mais tarde (Nee. 5:14), como um dos dirigentes nas procições de ação de graças que percorriam os degraus da cidade e marchavam sobre os muros (Nee. 12:36). Novamente aparece como um dos dirigentes quando foi lida a lei e feito pacto entre o povo de Deus, atendendo a instâncias de Esdras e Neemias (Nee. 8:9).

Estas considerações nos obrigam a aceitar a Artaxerxes I como o rei sob cujo govêrno, primeiramente Esdras, e depois Neemias, trabalharam em favor de sua nação. Tôda alteração nesta sucessão cronológica atenta contra a veracidade do relato dêstes livros, segundo nos foram transmitidos, e deve, portanto, ser recusada. Ao aceitar Artaxerxes I como o rei de Esdras 7, identificamo-nos com a maioria dos eruditos que até agora se manifestaram sobre o assunto (9).

Os Anos Régios de Artaxerxes I

Esdras, tanto quanto seus predecessores do tempo posterior ao exílio, e quanto Neemias, que veio mais tarde, computava os acontecimentos em conformidade com os anos régios dos reis persas, sob cujo govêrno viveu. A maioria dos entendidos sustêm que essas datas estão consignadas segundo o calendário babilônio, que era o empregado pelos persas. Portanto, a primeira tarefa será determinar os anos régios de Artaxerxes I, em conformidade com o cômputo persa.

Já foi mostrado que os egípcios, também sob o govêrno persa de então, enumeravam os anos do govêrno de seus dirigentes segundo o calendário egípcio; bem como que a prova extrabíblica para o calendário judaico e seu sistema de datar os anos régios dos governantes persas, encontra-se numa série de documentos egípcios. Vários dêles são portadores de datas judaicas e egípcias, e um possui a referência cronológica mais remota vinculada com o reinado de Artaxerxes I. Devemos, portanto, fixar também os anos de Artaxerxes, seguindo o método do cômputo egípcio.

Finalmente, devem ser verificados os anos de Artaxerxes, em conformidade com os cômputos hebraicos.

Determinação dos Anos Régios Persas

Os descobrimentos feitos durante os últimos séculos na Mesopotâmia e Egito, forneceram muito material que pôs sobre fundamentos sólidos a cronologia dos impérios neobabilônio e persa. Por exemplo, centenaes de ladrilhos datados podem ser ordenados em séries quase completas de anos

régios. Mas, conforme já foi explicado (10), uma fórmula cronológica como "no 1º. dia do 5º. mês do 16º. ano de Xerxes" é uma declaração que só tem validade relativa; adquire sentido diverso nos vários sistemas de cômputo, pois, para sua determinação, depende da data exata da ascensão ao trono, do uso do sistema que inclui o ano ascensional ou do que o elimina, e dos diferentes pontos de onde começam os diversos anos calendários ou civis. A fim de reduzir essas séries de anos régios a termos absolutamente cronológicos, devemos apelar para certos documentos específicos que nos forneçam referência cronológica adicional de tal índole que nos habilite a localizar exatamente datas da era pré-cristã; essa informação poderia ser uma sincronização com outros sistemas de cômputo ou uma referência astronômica que possa ser confirmada por cálculos precisos.

Um dos pontos básicos, a partir do qual podemos situar outras datas que tenham vinculação com o mesmo, é-nos fornecido por um ladrilho astronômico que inclui uma série de observações datadas do ano 37º. de Nabucodonozor. Com base nelas fixa-se o começo dêsse ano nos dias 22/23 de abril do 568 A. C. e sua expiração nos dias 11/12 de abril de 567 A. C. (11). Outro ladrilho astronômico de igual importância estabeleceu que o ano 7º. de Cambises prolongou-se de 6/7 de abril do ano 523 A. C. até 25/26 de março de 522, da mesma era (12). Com a ajuda do cânon de Ptolomeu (13) e de centenaes de documentos cuneiformes providos de datas e escritos sobre ladrilhos de barro, elementos, todos, que concordam plenamente no tocante ao total dos anos régios que correspondem a cada rei, é possível chegar a datas exatas para cada um dos reis que reinaram no período compreendido entre os dois ladrilhos astronômicos citados neste parágrafo.

Para os reis que sucederam a Cambises, e especialmente para os do século V da era pré-cristã, nossa cronologia depende novamente do cânon de Ptolomeu e dos ladrilhos "Saros" (14), corroborados por numerosos documentos cuneiformes da-

gado a sustentar a existência de dois governadores com o nome de Sambalá, pertencentes a duas egrações diferentes: um, no ano 408 A. C., e o outro, o inimigo de Neemias, alguns anos mais tarde. Ver seu trabalho Sanballat "the Horonite", em *Journal of Biblical Literature*, 47 (1928), págs.380-389.

(9) Rowley, *op. cit.*, págs. 134-136.

(10) Ver as primeiras páginas do capítulo 1.

(11) Neugebauer e Weidner, *op. cit.*, págs. 66, 67 e 72.

(12) J. N. Strassmaier, *Inscriften von Cambyses, König von Babylon*, No. 400. Para o cálculo das datas dos acontecimentos astronômicos, ver Franz X. Kugler, *Sternkunde und Sterndienst in Babel*, Vol. I, págs. 61-75. Uma eclipse mencionado neste ladrilho (ver A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire*, pág. 202, para uma traslação da data inicial) está registado também por Ptolomeu (*Almagest*, Vol. XIV, pág. 172). Para a época dêste eclipse, ver Oppolzer, *Syzgien-Tafeln*, pág. 31, e seu *Kanon der Finsternisse*, pág. 335; também o artigo *Die Babylonische Assyrischen Finsternisse*, de C. F. Lehmann e F. K. Ginzler, na obra de Ginzler, *Spezieller Kanon der Sonnenund Mondfinsternisse*, pág. 258. A concordância entre o ladrilho e o *Almagest* no tocante à data dêste eclipse mostra que a numeração de Ptolomeu dos anos régios de Cambises condiz com a antiga prática babilônia.

(13) Ver o capítulo 2.

(14) Os antigos babilônios descobriram que de-

tados, aos quais podem acrescentar-se os papíros elefantinos de data dupla (15), cuja sincronização entre o conhecido calendário egípcio e o mês e dias lunares, fornece uma prova da mesma época dos anos régios deste período que estamos comentando.

Por exemplo: um desses papíros, o AP 5, ajuda-nos a fixar o 15º. ano régio de Xerxes, no qual o papíro está datado, porque a referência cronológica dupla que possui revela que foi escrito entre o amanhecer do dia 12 de setembro de 471 A.C. e o amanhecer do dia 13 de setembro do mesmo ano. Visto sabermos que o ano civil persa se iniciava na primavera, o 15º. ano régio de Xerxes deve haver começado na primavera de 471 A.C. e expirado na mesma estação de 470 A.C. Outro papíro duplamente datado fornece em forma similar as datas da era pré-cristã correspondentes aos 14º., 16º., 19º., 25º., 28º., 31º., e 38º. anos régios de Artaxerxes I; o mesmo faz com o 13º. ano de Dario II e os 1º. e 3º. anos de Artaxerxes II. Visto que as datas obtidas destes papíros harmonizam com as do cânon de Ptolomeu, e estas, por sua vez, com as datas dos ladrilhos Saros, não existe dúvida alguma razoável quanto à validade das datas aceitas para os reis do século V da era pré-cristã, tal como nos são dadas, por exemplo, em *Babylonian Chronology* (A Cronologia Babilônia), de Parker e Dubberstein.

Os Anos de Artaxerxes I de Acôrdo com o Cômputo Persa

Artaxerxes I era o filho menor de Xerxes, assassinado no ano 21º. de seu reinado, por um dos principais cortesãos, chamado Artabano. Atirando a infâmia do crime sobre o filho mais velho do rei, o assassino induziu o príncipe menor, Artaxerxes, a que matasse seu irmão e ascendesse ao trono, com o pensamento de que seria um títere a quem poderia dominar facilmente. Mais tarde, quando pretendeu eliminar Artaxerxes, possivelmente para ascender ele próprio ao trono, o jovem rei mandou matá-lo e tomou pleno domínio do governo (16). Alguns escritores da era cristã, considerando Artabano rei com um reinado de sete meses, computaram o princípio do reinado de Artaxerxes a partir da morte de Artabano (17), mas os historiadores gregos clássicos, que constituem nossa única autoridade em matéria de história, consideram Artabano um funcionário de hierarquia elevada, e nunca um rei (18). Os documentos da época não falam de Artabano, e o relato referente a seu breve reinado entre Xerxes e Artaxerxes, com base em alguns historiadores antigos, bem pode considerar-se uma lenda.

Devemos admitir, por conseguinte, que, em conformidade com os registos da época, o cômputo inicial do reinado de Artaxerxes está determinado pela morte de seu pai, Xerxes. As provas do papíro com data dupla, do cânon de Ptolomeu e dos ladrilhos Saros, fornece de forma inequívoca os anos que reinaram ambos os governantes, tal como foi exposto no parágrafo anterior. Deste modo se chega à conclusão de que o ano civil persa que começou na primavera de 465 A.C. e terminou na primavera do ano 464 da mesma era ao começar, era o 21º. ano do reinado de Xerxes, mas como este morreu nesse ano, finalizou sendo o ano ascensional de Artaxerxes. Podemos concluir, outros-

sim, que imediatamente se seguiu o primeiro ano régio de Artaxerxes I, que começou com o dia 1º. de Nisã, na primavera do ano 464 A.C.

Da mesma maneira que para a data exata do começo do reinado de Artaxerxes, a prova cuneiforme para a data final do reinado de Xerxes consiste num ladrilho que, conquanto não da mesma época, faz alusão a um documento anterior que situa este evento em fins do ano 465 A.C., evidentemente em dezembro. Em verdade, de acôrdo com um dos papíros, êsse acontecimento ocorreu antes do dia 2 de janeiro de 464 A.C. Se bem que não é necessária a referência à cronologia exata do fim do reinado de Xerxes para determinar os anos régios persas de Artaxerxes, oportunamente este ponto será abordado porque é importante para estabelecer o cômputo judaico do reinado.

pois de 223 meses lunares, ou cerca de uns dezoito anos, tanto os eclipses lunares como os solares se repetiam quase exatamente. Este ciclo de dezoito anos foi denominado um "saros", termo adotado pelos astrônomos modernos e por êles usado atualmente com a mesma significação. Foram encontrados ladrilhos cuneiformes escritos sob as leis selêucidas, que contêm uma lista dos ciclos saros. Para o período persa, por exemplo, êsses ladrilhos saros fornecem os seguintes anos:

9º. (ano de) Dario I	18 (anos)
27º. (ano de) Dario	18 (anos)
9º. (ano de) Xerxes	18 (anos)
6º. (ano de) Artaxerxes I	18 (anos)
24º. (ano de) Artaxerxes I	18 (anos)
1º. (ano de) Dario II	18 (anos)

e assim sucessivamente.

Deste modo pode facilmente determinar-se o tempo que reinaram os vários reis. Por exemplo, se transcorreu um período de dezoito anos entre o ano 27º. de Dario I e o 9º. ano de Xerxes, o reinado de Dario deve haver tido uma extensão total de 36 anos, e se entre o 9º. ano de Xerxes e o 6º. de Artaxerxes estão compreendidos dezoito anos, Xerxes deve haver reinado em total vinte e um anos. Visto que os anos régios dos reis, tal como são determinados pelos ladrilhos saros, concordam em cada caso com as referências fornecidas pelo cânon de Ptolomeu, as datas de uma fonte e de outra completam-se e se confirmam mutuamente. Ver J. N. Strassmaier, *Einige Chronologische Daten aus Astronomischen Rechnungen*, em *Zeitschrift für Assyriologie*, Vol. VII (1892), págs. 197-204; também seu *Zur Chronologie der Selêuciden*, idem, Vol. VIII (1893), págs. 106-113.

(15) Ver o capítulo 4.

(16) Deodoro Siculo XI, 69 (edição Loeb, Vol. IV, págs. 305 e 307); também Justino III, 1. Parece que Deodoro fixa a morte de Artabano imediatamente depois do assassinio de Xerxes e de seu filho mais velho, mas outras crônicas assinalam um intervalo durante o qual Artabano ocupou seu posto de alto funcionário sob o reinado de Artaxerxes. Quando o ateniense Temístocles chegou como exilado perante o "ei Artaxerxes", "que recentemente subira ao trono" (Tucídides, I, 1374, edição Loeb, Vol. I, pág. 233), recebeu, por intermédio do alto funcionário Artabano, permissão para ver o rei (Plutarco, *Themistocles* 27, edição Loeb, Vol. II, págs. 73-75.)

(17) Eusébio, *Chronica*, do ano 1552 da era de Abraão. Esta é, provavelmente, a fonte de que se valeu sir Isaac Newton para atribuir a Artabano sete meses de reinado e estabelecer o começo do reinado de Artaxerxes em fins do ano 464 A.C. (Isaac Newton, *The Chronology of Ancient Nations Amended*, pág. 354.)

(18) É certo que Deodoro fixa a ascensão de Artaxerxes ao trono depois da eliminação de Artabano, mas estabelece claramente que Artabano jamais triunfou em seu intento de obter para si o trono. As demais autoridades sobre o assunto (mencionadas na nota 17) referem-se a Artabano meramente como um dos cortesãos do rei.

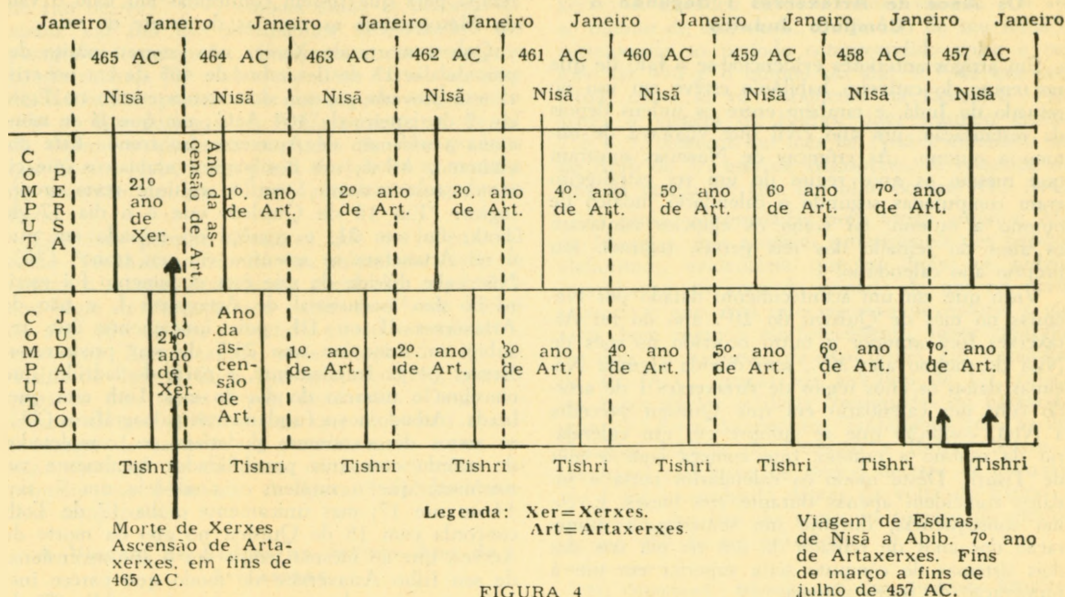


FIGURA 4

As fontes já consideradas revelam que todo documento datado no ano 1º. de Artaxerxes deve haver sido escrito entre a primavera de 464 e a primavera de 463 A. C., se fôr seguido o método persa de computar o tempo. Daí que as ocorrências consignadas no 7º. ano de Artaxerxes ocorressem no período que se estende da primavera do ano 458 até à primavera de 457, A. C., se foram datadas de acôrdo com o sistema persa.

Os Anos de Artaxerxes I Segundo o Cômputo Egípcio

Durante todo o século V A. C., o dia 1º. de Toth, dia de Ano Novo do "calendário móvel" dos egípcios, caiu em dezembro, ao passo que o dia de Ano Novo do calendário lunar persa, que ocorria no dia 1º. de Nisã, caía na primavera, quer em março quer em abril (19). Em vista de os antigos cômputos dos anos régios de acôrdo com todos os anos calendários ou civis, e os calendários egípcios e persa se superpunham apenas durante oito ou nove meses cada ano, sempre havia três ou quatro meses em que a numeração dos anos de reinado de um rei persa diferia nos dois calendários.

Tôda vez que o cânon de Ptolomeu pode ser confrontado e verificado com documentos pertencentes a êste período persa (que compreende todos os governantes menos os três últimos) (20), uniformemente vai assinalando o comêço do ano régio egípcio de cada governante com 1º. de Toth que precede ao correspondente dia de Ano Novo persa, e com 1º. de Toth que o sucede. O comentário dos papiros aramaicos do século V da era pré-cristã, que será feito no apêndice dêste trabalho, mostrará que êste sistema não foi um artifício ideado por Ptolomeu, séculos depois da expiração do domínio persa, mas era o procedimento corrente utilizado no Egito, sem dúvida durante o século V, e provavelmente também durante os demais séculos compreendidos pelo cânon de Ptolomeu.

Isto já foi exemplificado ao considerarmos um papiro provido de data dupla, o AP 28, que apresenta dois anos régios, o 13º. e o 14º. de Dario II. O documento foi escrito em fevereiro do ano 410 A. C., quando o 14º. ano egípcio de Dario já havia começado em dezembro, mas antes que o 13º. ano persa houvesse finalizado na primavera, ou seja o 13º. ano judeu, no outono seguinte (21).

Em resumo: se um documento, datado em um ano de um rei persa, de acôrdo com o sistema de cômputo egípcio, contém segunda data entre o dia 1º. de Toth egípcio e 1º. de Nisã babilônio da primavera seguinte, o número do ano egípcio que apresente será superior em um ao número do ano persa equivalente. Depois do dia 1º. de Nisã não existe diferença entre ambos os calendários na numeração dos anos régios até ao último dia do ano egípcio; daí em diante o seguinte ano régio egípcio de um rei persa novamente precederia seu equivalente persa por vários meses.

Dêste modo, de acôrdo com o sistema egípcio de computar os anos do reinado, o ano 1º. de Artaxerxes I se estendeu do dia 17 de dezembro de 465 A. C., até ao dia 16 de dezembro de 464, e, por conseguinte, seu 7º. ano egípcio ocorreu entre 16 de dezembro do ano 459 e 15 de dezembro de 458 da era pré-cristã.

(19) Parker e Dubberstein, *op. cit.*, págs. 29-32, citam o dia 23 de março como sendo a data mais remota para o 1º. de Nisã, durante o século V da era pré-cristã, e 23 de abril como a data mais recente. Entretanto, atualmente foi confirmada a existência de um 24 de abril como correspondente a 1º. de Nisã do ano 408 A. C., pois a inclusão de um mês embolismal no ano 409 (Figulla, *op. cit.*, pág. 6) requer que o Ululu II, que Parker e Dubberstein não consignaram, retroceda um ano.

(20) Ver Parker e Dubberstein, *op. cit.*, págs. 11-16.

(21) Para a explicação e um diagrama do AP 28, ver o capítulo 4.

Os Anos de Artaxerxes I Segundo o Cômputo Judaico

Em artigos anteriores evidenciou-se o fato de que no tempo do cativo babilônio esteve em uso no reinado de Judá, e também entre os judeus depois da restauração, um ano civil que vigorava de outono a outono. As crônicas de Neemias mostram que mesmo os anos régios de um rei estrangeiro eram computadas segundo o calendário judaico de outono a outono, tal como os egípcios contavam os anos do reinado dos reis persas, segundo seu próprio ano calendário.

Visto que em um acontecimento datado por Neemias no mês de Quisleú do 20º. ano do rei Artaxerxes fôra anterior a outro ocorrido no mês de Nisá do mesmo ano 20º., sem dúvida alguma Neemias datou os anos régios de Artaxerxes I de acôrdo com um calendário em que Quisleú precedia a Nisá, condição que se cumpre em um calendário de outono a outono, que começa com o mês de Tishri. Dêste modo os calendários persa e judaico coincidem apenas durante seis meses, e, como consequência, durante um semestre, a numeração dos anos de reinado de um rei em um dos dois sistemas de cômputo seria superior em um à numeração do outro sistema.

Entretanto, a prova bíblica não basta para saber precisamente se os anos régios de Artaxerxes, segundo o cômputo judaico de outono a outono, precediam ou sucediam aos anos persas correspondentes. Noutras palavras, necessitamos saber se o ano 20º. de Artaxerxes harmonizava com o cômputo judaico, ou se êste começava no outono do ano 20º. persa para ser, pelos judeus, considerado o 20º. ano durante os seis meses posteriores ao seguinte 1º. de Nisá, quando para os persas já se iniciara o ano 21º. do reinado do rei.

Felizmente êste problema pode solucionar-se graças à existência de dois documentos contemporâneos extrabíblicos, que estabelecem que a morte de Xerxes ocorreu em fins do ano 465 A. C., evidentemente em dezembro. Portanto, de acôrdo com o sistema judaico de computar os anos do reinado, os anos de Artaxerxes estão fixados meio ano mais tarde que no calendário persa. Que Xerxes foi morto em dezembro está provado por um ladrilho cuneiforme encontrado nas escavações feitas em Ur, em 1930/31; êsse ladrilho é um documento ou convênio em que se redistribuem certos terrenos entre quatro irmãos. O documento está datado do ano 13º. de Artaxerxes I, mas especifica que o documento original fôra firmado no mês de Quislimu, do ano 21º. de Xerxes (22).

Em Babilônia, o mês de Quislimu, dêsse ano, começou, segundo listas cronológicas de Parker-Dubberstein (23), em 17 de dezembro do ano 465 A. C., o dia mais antigo em que o documento poderia haver sido escrito. Nesse dia o escriba o redigiu em Ur, crendo que Xerxes ainda vivia; em caso contrário, teria datado o documento do ano ascensional de seu sucessor. Isto demonstra que a morte de Xerxes não pode haver ocorrido muito antes do dia 17 de dezembro, se reconhecermos que foram necessários vários dias para que a notícia chegasse a Ur. Não sabemos onde ocorreu o assassinio de Xerxes, mas cremos que os locais mais indicados são Susá ou Persépolis (24); em ambos os casos não teria sido necessário muito

tempo para que fôssem conhecidas em todo o vale da Mesopotâmia as notícias da morte do rei.

Que a morte de Xerxes não ocorreu muito depois do dia 17 de dezembro de 465 da era pré-cristã está provado por um documento escrito no Egito em 2 de janeiro de 464 A. C., em que já se menciona a ascensão de Artaxerxes ao trono. Êste documento, AP 6, um dos papiros aramaicos que citamos anteriormente, tem o seguinte texto cronológico: "Em 18 de Quisleú, que é o dia 17 de Toth, no ano 21, e começo do reinado em que o rei Artaxerxes se assentou em seu trono" (25): Não cabe dúvida de que êste documento foi escrito no ano ascensional de Artaxerxes I, e não de Artaxerxes II ou III, pois unicamente êste rei subiu ao trono no ano 21º. de seu predecessor, Xerxes (26). Infelizmente, a parte do ladrilho que consigna o número do dia do mês Toth está quebrada. Atendo-nos a fundamentos paleográficos (28), os restos dêsse número poderiam ser completados de acôrdo com três possibilidades igualmente verossímeis; que o número original seja um 7, um 14 ou um 17; mas unicamente o dia 17 de Toth concorda com 18 de Quisleú no ano da morte de Xerxes, que ao mesmo tempo era o ano ascensional de seu filho Artaxerxes; de modo que parece inequívoco que a data restaurada seja o "dia 17 de Toth". 17 de Toth correspondeu a 2/3 de janeiro de 464 A. C., de nascer a nascer do Sol. Dêste modo, torna-se evidente que no dia 2 de janeiro do ano 464 da era pré-cristã, a notícia da ascensão de Artaxerxes já fôra levada ao Egito, se bem que tão recentemente que o escriba do papiro AP 6, havendo durante meses datado os documentos no ano 21º. de Xerxes, começou a fazê-lo como de costume, e em seguida terminou a referência cronológica acrescentando o ano da ascensão de Artaxerxes.

Os dois documentos se confirmam mutuamente em forma conclusiva, provando-se assim a veracidade da declaração feita pelo historiador Oslmtead, no sentido de que Xerxes foi assassinado "próximo

(22) Figulla, op. cit., Nº. 193, pág. 15.

(23) Parker e Dubberstein, op. cit., pág. 30.

(24) Provavelmente Babilônia deixou de ser a residência de inverno dos reis persas depois da rebelião sob o governo de Xerxes e da destruição de seus muros e templos, de modo que só Susá e a nova capital de Persépolis permaneceram como as principais cidades onde se estabelecia a corte. Daí parecer inteiramente justificada a suposição de que a morte de Xerxes haja ocorrido numa dessas cidades. O único lugar possível, excetuados os mencionados, poderia ser Ecbátana, antiga capital dos medos, mas parece que depois de Dario I, esta cidade perdeu sua importância, e desde então deixou de ser mencionada como a residência de um rei persa. Sobre a rebelião de Babilônia no governo de Xerxes, ver George G. Cameron, *Darius and Xerxes in Babylonia*, *AJSL* 58 (1941), págs. 319-325. Sobre Ecbátana, ver o artigo *Ekbatana*, na metade do Volume X da obra de Pauly - Wissowa *Real-Encyclopädie der Klassischen Altertumswissenschaft*.

(25) Traduzido do aramaico. Para o texto aramaico, ver Cowley, op. cit., pág. 16.

(26) Artaxerxes I sucedeu a Xerxes, que reinou 21 anos; Artaxerxes II sucedeu a Dario II, que reinou 19 anos; Artaxerxes III sucedeu a Artaxerxes II, que reinou 46 anos. A duração dêstes reinados está confirmada pelo cânon de Ptolomeu e pelos ladrilhos Saros; a dos reinados de Xerxes e Dario II acha-se confirmada pelos papiros aramaicos que possuem data dupla.

do fim de 465" (27) embora então se baseasse somente em um dos documentos mencionados nos parágrafos anteriores. Conquanto provavelmente jamais se haja de conhecer a data exata da morte de Xerxes, é praticamente certo que tenha ocorrido no fim do ano 465 A. C., porque no dia 17 de dezembro ainda se supunha na Mesopotâmia que Xerxes vivia, e no dia 2 de janeiro as notícias da ascensão de seu filho já haviam chegado ao Egito.

Este fato permite assegurar que os judeus, tal como Neemias, utilizando um calendário civil, de outono a outono, começaram a calcular o primeiro ano régio de Artaxerxes a partir de 1º. de Tishri do ano 464 da era pré-cristã, e não no ano 465, visto que Xerxes ainda vivia depois de 1º. de Tishri de 465 A. C., e sua morte ocorreu, apenas cerca de dois meses depois desta data. Desde dezembro do ano 465, ou logo que os judeus se informaram da ascensão de Artaxerxes ao trono, teriam começado a computar os acontecimentos no primeiro ano deste rei. A figura 4 facultará melhor compreensão.

A Viagem de Esdras no Sétimo Ano de Artaxerxes

Conseqüentemente, se o primeiro ano de Artaxerxes se estendeu desde o outono do ano 464 até ao outono de 463 A. C., o 7º. ano de seu reinado corresponde ao período compreendido entre o outono de 458 e o outono do ano 457 da era pré-cristã, como se vê claramente na figura 4. Portanto, a viagem de Esdras, que, segundo Esdras 7:8 e 9, começou no mês de Nisã e terminou no de Abib do 7º. ano de Artaxerxes, se estendeu de fins de março até fins de julho do ano 457 A. C.

As provas apresentadas num artigo anterior, não de Neemias, mas também provenientes dos papiros elefantinos, evidenciam que no Egito os judeus computavam os anos do reinado de um rei persa segundo o ano civil que vigorava de outono a outono, bem como o estabelecimento, neste capítulo, da data da ascensão de Artaxerxes em dezembro de 465 A. C., graças aos ladrilhos de Ur, coloca em bases sólidas as datas consignadas no parágrafo anterior. Estes documentos, juntamente com as declarações bíblicas de Neemias e Esdras, levam à inevitável conclusão de que o decreto de Artaxerxes I foi promulgado depois da volta de Esdras a Babilônia, em fins do verão ou começo do outono do ano 457 da era pré-cristã.

(27) Olmstead, *History of the Persian Empire*, pág. 288.



OBRA PASTORAL

A Necessidade de Aprimoramento Pessoal

A. W. ANDERSON

"Dado o fato de vivermos tão próximos do encerramento da história deste mundo, deve haver maior exactidão no trabalho, mais vigilante expectativa, mais vigiar, orar e trabalhar, o instrumento humano deve esforçar-se por alcançar a perfeição, a fim de ser um cristão ideal, completo em Cristo Jesus." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 420.

ESTA exortação oportuna deve estimular nossos obreiros para empenharem esforços diligentes no aprimoramento de seus talentos adquiridos. Nunca devemos pensar que atingimos o máximo de nossas possibilidades. O fazê-lo é fatal, pois uma vez que consideremos que nada mais existe que possamos fazer para aprimorar nossos talentos e desenvolver nossa personalidade, o mais amplo progresso é irrealizável.

O apóstolo Paulo expressa esta mesma idéia num bem conhecido passo desta carta aos filipenses. Após referir-se à sua herança religiosa natural, que veio a reconhecer ser de bem pouco proveito, comparada com o conhecimento de Cristo Jesus, e com

o desejo intenso de formar caráter à semelhança do de seu Senhor, diz êle:

"Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também prêsso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." (Fil. 3:12-14.)

Se, com todos os talentos que o grande apóstolo Paulo possuía naturalmente, e que desenvolvera por meio de disciplina rígida, êle cria que ainda havia maiores possibilidades para si, quanto mais devemos nós reconhecer que ainda não alcançamos a perfeição em nosso trabalho, e que ainda existem alvos mais elevados para atingirmos, e ainda há, para adquirirmos, maiores aptidões que poderemos usar para a salvação de nossos semelhantes!

Nossos obreiros são exortados a:

"Esforçar a mente na aquisição do conhecimento relacionado com o seu trabalho, para serem obreiros que 'não têm de que envergonhar-se'. Podem

dominar um ramo da ciência após outro, enquanto se empenham no trabalho de pregar a verdade, e isso se empregarem sábiamente o seu tempo. São desperdiçados em conversação sem importância, na indolência, e em fazer as coisas que são de pouca monta, momentos preciosos que deveriam ser usados cada dia em empreendimentos úteis que nos habilitarão mais e mais para alcançar essa elevada norma.

“Os que hoje se acham perante o povo como representantes de Cristo têm em geral, mais habilidade que preparo, mas não põem em uso suas faculdades, aproveitando o melhor possível seu tempo e oportunidades. Quase cada ministro no campo, se houvesse aplicado as energias que Deus lhe concedeu, poderia não somente ser proficiente em ler, escrever, na gramática, mas mesmo em línguas. É-lhes necessário ter as mais elevadas aspirações. Não tem havido, porém, senão bem pouca ambição de pôr à prova as suas faculdades de atingir uma elevada norma de conhecimento e entendimento religioso.

“Nossos ministros terão que prestar contas a Deus da ferrugem dos talentos que lhes concedeu para aprimorar pelo exercício. Poderiam ter feito, inteligentemente, trabalho dez vezes maior, se se tivessem preocupado com tornar-se gigantes intelectuais. Tõda a sua experiência de sua alta vocação é apoucada por se contentarem com permanecer onde estão. Seus esforços para adquirir conhecimento não lhes prejudicará absolutamente o crescimento espiritual se estudarem com honestidade de motivos e alvos corretos.” — *Testimonies to Ministers*, págs. 193 e 194.

Somos, assim, aconselhados a tornar-nos “proficientes na leitura, em escrever, e na gramática.” Não devemos deduzir destas palavras que nossos obreiros não saibam ler nem escrever. Naturalmente, todos o sabem. O Estado, muito sábiamente, compeliu-os à aquisição dêsse conhecimento ao entrarem na casa dos dez anos. Como são poucos, porém, os que se tornam *proficientes* leitores! Quão poucos lêem com tanta clareza e pronunciam suas palavras e sílabas com exatidão tal que uma congregação é igualmente elevada e instruída por sua leitura! Como são poucos os que se tornaram proficientes escritores! Em um de seus ensaios, disse Bacon: “O ler torna perfeito o homem, discursar fá-lo destro, e escrever, exato.”

A Leitura Hábil

Existe, da parte de nossos obreiros, uma tendência crescente de limitar o anúncio de um hino meramente à menção de seu número. Há anos, em nossos cultos, nossos obreiros tomavam tempo para ler, ou todo o hino, ou pelo menos a primeira estrofe. Minha opinião é que muito maior bem poderia ser praticado na parte de louvor de nossos cultos se, ao anunciar um hino, quem o fizesse tomasse tempo suficiente, não somente para ler pelo menos uma estrofe, mas para chamar a atenção para algumas expressões particularmente interessantes do autor do hino, ou para relatar resumidamente as circunstâncias que o levaram a escrever as palavras do hino. Isso levará a congregação a cantar com entendimento e a tomar interesse mais profundo no culto.

Bem me lembro de um excelente pregador da

igreja Metodista que minha mãe freqüentava quando eu era criança, e da perfeição com que lia os hinos. Embora eu fõsse criança, sua esplêndida perícia de ler e dar o sentido, era-me atraente. A lembrança disso ainda está viva em mim, por motivo de impressão indelével que aquêle homem de habilidades vocais bem cultivadas exercia sôbre a congregação, e mesmo sôbre as crianças.

É-nos dito no livro *Educação* que “o canto é um ato de adoração tanto como a oração” (pág. 167), e que “poucos meios há mais eficientes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos” (pág. 167). Tiremos, pois, no futuro, maior proveito da parte de canto de nossos cultos, e pratiquemos a arte da leitura eficaz, de forma que nosso povo seja elevado por nossa leitura, ainda que de uma estrofe apenas de um hino.

Escrever com Êxito

Se bem que a maioria das pessoas não faça esforço algum para alcançar a perícia em escrever, pouco sabem das maravilhosas oportunidades de aprimoramento pessoal que perdem por negligenciar o cultivo da faculdade de escrever. A capacidade de expressar o próprio pensamento no papel é uma qualidade digna de qualquer esforço de nossa parte para adquirir. Devemos reconhecer que a pena tem mais poder que a espada, pelo que é muito mais importante aprender a empunhar a pena do que a espada.

Em nosso trabalho em favor do mundo, a literatura ocupa lugar importantíssimo. Por meio de nossa literatura podemos atingir milhões de pessoas que não poderiam sê-lo, talvez, por outro meio qualquer além do rádio. Deve ser lembrado, porém, que um trabalho eficaz do rádio só é feito pelos que alcançam eficiência tanto em ler como em escrever. Um leitor deficiente não conquistará muitos ouvintes por muito tempo, ao passo que um bom leitor não manterá por muito tempo o seu auditório se sua produção literária fõr fraca. Portanto, para ser realmente bem sucedido como locutor de rádio, deve a pessoa ser tanto boa escritora como boa leitora.

Escrever é um ramo do conhecimento que bem faremos em cultivar. Mas, como outras artes dignas de serem adquiridas, é necessário que a ela nos dediquemos com assiduidade. Muito mais do que isso, porém, precisa ser adquirido. Precisamos gradualmente formar um bom vocabulário, visando especialmente ao uso de palavras simples que o povo compreenda com facilidade. Em seu livro *Essentials of English*, diz George W. Rine:

“As palavras curtas e simples da linguagem possuem uma agudeza e uma fõrça espontânea e estranhas à palavras longas e eruditas. Portanto, em regra, o estilo do escritor torna-se mais vigoroso pelo uso de palavras simples — as palavras da vida diária.”

O testemunho dos homens enviados para prenderem a Cristo, foi: “Nunca homem algum falou assim como êste Homem” (S. João 7:46). Entretanto, Jesus não usava linguagem clássica em Seu trabalho entre o povo. Falava a linguagem comum do povo a quem Se dirigia, mas tão poderosa era Sua linguagem que os meirinhos deram testemunho de seu poder.

Para quem nunca tenha dado atenção especial

à arte de escrever, eu sugeriria que começasse imediatamente a adquirir essa arte valiosa, tomando um curso numa escola idônea. Não hesiteis porque sentis que escrever seja alguma coisa que está fora do vosso alcance, ou por julgardes que estais velho demais, demais ocupado ou muito preocupado com outros assuntos. Se já adquiristes a arte de falar em público, podeis aumentar imensamente vossa eficiência do púlpito com comunicar

ao papel os vossos pensamentos. Portanto, pensai nos milhares mais de pessoas que podeis atingir com vossa pena, além dos que atingis com vossa voz.

Devemos fazer esforços vigorosos para adquirir a arte de comunicar ao papel os nossos pensamentos e aprender a expressá-los no melhor português de que formos capazes.



E VANGELISMO

O Dom de Línguas

Referente Especialmente a I Coríntios 12:10

EARLE HILGERT

(Instrutor de Bíblia e Teologia Sistemática, do
S. D. A. Theological Seminary, EE. UU.)

O ASSUNTO do dom de línguas e do dom de interpretação das línguas, apresentado em I Cor. 12:10 pode ser dividido em duas partes. A primeira se refere à questão da definição desse dom existente na igreja primitiva; e a segunda diz respeito à questão da existência ou não desse dom na igreja hoje em dia.

No que tange ao texto grego de I Cor. 12:10, a primeira expressão em questão é *gene glosson*, traduzida para a versão Almeida "variedade de línguas", "diversidades" (versão Brasileira). Na versão Standard Revisada, inglesa, a expressão teve a seguinte tradução: "várias espécies de línguas". A segunda expressão em jôgo é *hermeneia glosson*, "a interpretação das línguas".

Alguma coisa pode ser dita acerca de *glosson*, genitivo plural de *glossa*, "língua". Essa palavra aparece cinqüenta vezes no Novo Testamento e é usada tanto para o próprio membro como para o que ele produz, a linguagem, como na frase "tribo, e língua, e povo". Não há dúvida de que no passo em questão a palavra significa som oral, ou linguagem.

Nada existe no grego, no tocante a estas expressões, que constitua problema. As traduções feitas são corretas. Tampouco existe variação textual importante nos manuscritos no que concerne ao significado.

Que Era êsse Dom?

Em S. Mar. 16:17, é atribuída a Cristo a frase seguinte: "Falarão novas línguas", referindo-se aos milagres que seriam praticados pelos discípulos depois de Sua ascensão. O cumprimento dessa promessa veio poucos dias mais tarde, no Pentecostes. Em Atos 2:4, consta que no dia de Pentecostes "todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem". Havia em Je-

rusalém judeus "de tôdas as nações que estão de baixo do céu", e "cada um os ouvia falar na sua própria língua".

O dom concedido no Pentecostes foi de linguagem, e não um dom de ouvir da parte dos judeus presentes. Isto está indicado no fato de êle ser chamado dom de línguas. Foi concedido "conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem," e não a capacidade de ouvir, da parte dos judeus.

O fato de haverem falado "conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" indica também que o fenômeno não foi simplesmente uma reação humana ao impacto da presença do Espírito Santo. As ações dos discípulos, nessa ocasião, estavam sob o domínio direto do Espírito Santo. A linguagem, bem como a sua origem partiram do Espírito. Além disso, falaram em língua compreensível aos judeus não palestinos presentes. Que eram dialetos locais e não o grego, que sem dúvida teria sido entendido pela maioria dos presentes, deduz-se das muitas localidades mencionadas.

Com referência a essa manifestação, escreve a Sra. Ellen G. White:

"Cada língua conhecida estava por êles representada. Esta diversidade de línguas teria sido um grande embaraço para a proclamação do evangelho. Deus, portanto, de maneira miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por êles o que não teriam podido fazer por si mesmos em tôda uma existência. Agora podiam proclamar as verdades do evangelho em tôda parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam". — *Atos dos Apóstolos*, págs. 39 e 40.

Este dom não sômente envolvia o uso das línguas estrangeiras, mas também purificou o uso do aramaico nativo. "Daí por diante a linguagem dos discípulos era pura, simples e acurada, quer falassem êles no idioma materno ou numa língua estran-

geira.” — *Idem*, pág. 40. Tanto era um sinal quanto um testemunho. “Esse dom miraculoso era para o mundo uma forte evidência de que o trabalho dêles levava o sinêto do Céu.” — *Idem*, pág. 40.

Pedro e Cornélio

A prova seguinte do dom de línguas foi a experiência de Pedro com a família de Cornélio, apresentada em Atos 10. Rezam os versículos 45 e 46: “E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios, porque os ouviam falar línguas e magnificar a Deus”.

Não há motivo para a suposição de que o dom de línguas, neste caso, haja sido essencialmente diverso do que ocorrera entre o discípulo no dia de Pentecostes. Havia muito boa razão para que as pessoas da família de Cornélio falassem em línguas nesse dia, visto que os acompanhantes de Pedro não criam que um gentio pudesse receber o dom do Espírito Santo. Como no Pentecostes, também nessa ocasião foi um sinal e um testemunho para os cristãos judeus que não estavam preparados para receber na igreja os gentios. Conquanto não se saiba que línguas falaram, não seria despropositado supor que se tenham expressado em aramaico ou hebraico, visto que isso teria grandemente impressionado os cétricos judeus cristãos.

Os Conversos de Apolo

O exemplo seguinte, consignado do dom de línguas na igreja primitiva, ocorreu entre os conversos de Apolo, em Éfeso. Apolo batizara seus conversos com o batismo de João, e ao chegar Paulo a Éfeso, perguntou a êsses crentes se haviam recebido o dom do Espírito Santo. Ao responderem que não, êle os instruiu e batizou-os no nome do Senhor Jesus. Paulo, então, lhes impôs as mãos; êles receberam o Espírito Santo, e profetizavam e falavam línguas. Também aqui nada há que indique que o dom concedido tenha sido essencialmente diferente do de Pentecostes. Não se sabe se havia presente quem compreendesse as frases proferidas pelos lábios dêsses conversos, ao receberem êles o dom. Não se sabe que línguas falaram. Bem pode haver acontecido que houvesse presentes gentios e que o dom tenha sido concedido especialmente para proveito seu.

Que êsse dom foi uma língua falada na época, que permaneceu com aquêles homens, e que foi concedido com uma finalidade em vista, é indicado pela Sra. Ellen G. White:

“Foram então batizados no nome de Jesus; e ao impor Paulo sobre êles as mãos, receberam também o batismo do Espírito Santo, com o que foram capacitados para falar a língua de outras nações, e profetizar. Assim foram habilitados para trabalhar como missionários em Éfeso e em suas adjacências, bem como para ir proclamar o evangelho na Ásia Menor.” — *The Review and Herald*, 31 de agosto de 1911.

Em essência, o dom concedido nessa ocasião foi idêntico ao do dia de Pentecostes.

O Problema de Corinto

A outra referência ao dom de línguas, contida

no Novo Testamento, é encontrada na Primeira Epístola aos Coríntios, de que faz parte o passo dêste estudo.

Os capítulos 12 a 14 de I Coríntios constituem uma unidade. Um dos principais assuntos aí contidos é o dom de línguas e a interpretação das línguas. Isso parece haver sido escrito logo depois da experiência de Paulo com os conversos de Apolo. Evidentemente foi atribuída importância excessiva ao dom de línguas na igreja de Corinto, e Paulo estava ansioso por ajustar as coisas nesse sentido.

O capítulo 12 inicia com uma referência ao ponto crucial do problema — os dons espirituais. Paulo parece haver tido em mente especialmente o dom de línguas, pois no versículo 3 menciona o homem *en pneumatih thecu lalon*, “que fala pelo Espírito de Deus” — uma expressão quase idêntica à usada no capítulo 14:2 referente ao dom de línguas. Através de todo o capítulo doze, Paulo trata do assunto geral dos dons na igreja, pois é desejo seu mostrar que êsse dom de línguas, que estava sendo tão exaltado, não era o mais importante dos dons concedidos por Deus ao Seu povo. Salienta a grande variedade de dons, oriundos, todos, do mesmo Espírito, e esclarece que um não deve ser sobreposto ao outro.

Paulo abre o terceiro capítulo com uma nova menção às línguas, e prossegue mostrando que muito maior que êsse dom é o amor. Cessarão as línguas e acabará a profecia, mas o amor permanecerá (versículo 8).

Finalmente, no capítulo catorze, o apóstolo encara o verdadeiro problema, o dom de línguas. A preocupação de Paulo é que deva ser usado para o bem comum.

Até então nada há que indique que o dom mencionado em Corinto fôsse em qualquer sentido diferente do dom que se manifestara no Pentecostes, ou na família de Cornélio, ou em Éfeso. Ali, porém, Paulo faz uma distinção importante entre o dom de línguas e de profecia (vs. 2-5), que parece estranha porque até então haviam sido mencionados como sinônimos. Em Pentecostes, quando os apóstolos foram acusados de bebedeira, Pedro citou, do Velho Testamento, declarações indicativas de que o dom de profecia seria reavivado e, com base nisso, defendeu no dom de línguas (Atos 2:17). Em Corinto, porém, Paulo faz distinção entre os dois. Qual era, pois, essa manifestação na igreja de Corinto?

Existem, pelo menos, duas teorias. Uma é que essa manifestação foi idêntica à do dom de Pentecostes — línguas concedidas para a pregação do evangelho. A outra é que fôsem emissões guturais, sons que não representavam língua falada, mas sim uma reação inconsciente da presença do Espírito Santo. Menciona-se que a igreja de Corinto era em grande parte constituída de gentios. Seus membros haviam saído das religiões pagãs, onde se haviam habituado a essas manifestações, consideradas a língua dos deuses e eram interpretadas como oráculos, quer por quem proferisse os sons, quer por outra pessoa. É explicado que êsses cristãos gentios haviam trazido consigo para a igreja uma psicologia acomodada a essas reações e quando o Espírito Santo se lhes manifestou, o resultado foi justamente aquilo a que estavam acostumados quando eram pagãos.

Existem dificuldades em ambas essas teorias. No

que concerne à opinião de que o dom era o mesmo concedido em Pentecostes, a Sra. Ellen G. White indica que ali os discípulos adquiriram eficiência que tornou possível a prossecução do evangelismo. Paulo, porém, diz da manifestação de Corinto, coisas que dificilmente se enquadram com a experiência do Pentecostes. "Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto" (I Cor. 14: 14). "Todavia, eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida" (v. 19). Havia, pelo menos, esta diferença entre o dom de Pentecostes e o de Corinto—o último era às vezes manifestado quando não havia possibilidade de ser usado para comunicar uma mensagem de significação evangélica.

No tocante à teoria dos sons guturais, deve ser dito que a mesma terminologia é usada tanto aí quanto no relato do dom de Pentecostes (comparar Atos 2:4 com I Cor. 12:10). Se a manifestação foi realmente tão diferente em Corinto, por que usa Paulo para isso a mesma palavra usada repetidamente em Atos? Parece, também, muito difícil compreender como uma algaravia gutural houvesse podido ser considerada uma reação ao poder do Espírito Santo.

Um Alvitre para Solução

Se bem que não seja provavelmente impossível chegar a uma resposta final para este problema, as seguintes sugestões experimentais parece apresentarem uma solução, pelo menos parcial.

Primeiro, nada há em I Cor. 14 que indique que o dom não foi uma língua falada que pudesse ser usada em esforços de evangelização. A declaração do apóstolo de que "as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infieis" (I Cor. 14:22), pareceria subentender que fôsem línguas existentes. O dom de uma língua falada certamente seria, para o descrente, um sinal de muito maior significação do que um palavreado ininteligível.

Segundo, o dom de Corinto não era inteiramente idêntico ao de Pentecostes. Isto parece evidente porque os que o manifestaram, algumas vezes falavam sem saber o que estavam dizendo (vs. 13-15). Isso seria de proveito para a igreja se houvesse presente alguém que compreendesse. E mesmo que não houvesse, ainda poderia ser uma bênção para a pessoa que falava, pois é razoável crer que quando o Espírito Santo se apossava do indivíduo, fruíse-se uma bênção de Sua presença. Paulo a isso se refere: "o que fala em língua estranha edifica-se a si mesmo" (v. 4).

Terceiro, por motivo dessa diversidade foi concedido o outro dom, da interpretação das línguas. Uma vez que os presentes compreendessem não havia necessidade dêsse dom. Outras vezes uma mensagem seria espetacularmente dada à igreja numa língua estrangeira, e a outra pessoa seria concedida a interpretação. O mesmo dom seria usado na pregação do evangelho. Se fôsse à igreja com uma mensagem uma pessoa que não falasse a língua local, e outro irmão possuísse o dom da interpretação, este poderia auxiliar na apresentação da mensagem. Este dom da interpretação poderia também haver incluído a explanação da mensagem apresentada.

O exposto pode ser sintetizado como segue: O dom de línguas refere-se à capacidade de falar uma língua mediante a presença ou a influência do Espírito Santo. Isto pode aplicar-se à língua materna do orador ou a uma língua por ele previamente desconhecida. Como ocorreu no Pentecostes, pode o orador estar consciente daquilo que profere; ou, como aconteceu em Corinto, o que diz pode ser-lhe às vezes ininteligível. O dom da interpretação é um dom afim, a capacidade de compreender e interpretar a língua que o intérprete não aprendeu naturalmente.

Existem Êstes Dons na Igreja de Hoje?

A presença dêstes dons na igreja apostólica, naturalmente suscita a questão quanto a se êles existem na igreja hoje em dia. Em regra geral, a resposta deve ser Não. Muito cedo na história cristã, a igreja perdeu o dom de línguas, juntamente com outros dons do Espírito. O único testemunho claro da presença dêste dom depois do tempo dos apóstolos é uma declaração feita por Irineu, que escreveu na Gália meridional cêrca do fim do segundo século. (*Heresias*, livro V, cap. 6.) Próximo do fim do quarto século, João Crisóstomo afirmou, referente a I Cor. 12:

"Tôda esta situação é muito obscura: mas a obscuridade é produzida pelo nosso desconhecimento dos fatos apresentados e pela sua cessação, pois os tais costumavam ocorrer, mas agora não mais acontece." — *Homily 29*, em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, la. Série, vol. XII, pág. 168.

Que êsse era o caso não surpreende em vista da apostasia que tão cedo acometeu a igreja. Logo no segundo século, os que possuíam os dons do Espírito caíram em descrédito e foram substituídos na liderança da igreja pelos oficiais eleitos, os bispos e os presbíteros.

Em nossos dias Deus não restaurou inteiramente êste dom, quer em sua forma Pentecostal, quer na de Corinto. De quando em quando se ouvem do campo missionário relatos de exemplos isolados em que um missionário falou uma língua que não aprendera, ou um indígena compreendeu a língua que desconhecia. Estas ocorrências em geral acontecem em tempo de crise. São muitas vezes de difícil confirmação. Sem dúvida tais providências podem acontecer e efetivamente acontecem, mas a sua manifestação parece não ser idêntica à dos dias no Novo Testamento.

Há para isso um motivo lógico. Assim como a ciência médica tornou desnecessária a presença de um permanente dom de curar, também o estado de disseminação da igreja cristã possibilitou a disseminação do evangelho pelos que falam naturalmente as línguas da Terra. O dom de curar e o de línguas são ambos concedidos agora somente em tempo de crise, quando as facilidades normais são inadequadas ou inexistentes. A pregação do evangelho em mais que mil línguas, e a da tríplice mensagem em mais que setecentas, é um cumprimento da obra para que o dom de línguas foi concedido na igreja primitiva.

Em carta escrita da Europa, em 1886, onde falou em muitas línguas, através de intérpretes, disse a Sra. Ellen G. White:

"Com o mais intenso desejo espero o tempo em que os acontecimentos do dia de Pentecostes se



CONSELHO do Espírito de Profecia

A Influência da Alimentação — Parte V

Mensagens Sôbre Saúde para Obreiros e Líderes

“DEVEM ser homens de sensibilidade e pronta percepção aquêles sôbre quem repousam importantes responsabilidades, e que são, acima de todos, os depositários dos interesses espirituais. Mais do que os outros, necessitam êles de ser temperantes na alimentação. Não deve ter lugar em sua mesa comida opulenta e pratos complicados excessivamente substanciosos [Rich and luxurious food, diz o original].

Os homens que se acham em posição de confiança, têm de tomar cada dia decisões de que dependem importantes resultados. Êles têm muitas vezes de pensar rapidamente, e isso só pode ser feito com êxito por aquêles que praticam estrita temperança. O espírito se robustece sob o correto tratamento das faculdades físicas e mentais. Se a tensão não é demasiada, novo vigor sobrevém a cada esforço. Muitas vezes, porém, o trabalho dos que têm planos importantes a considerar e importantes resoluções a tomar, é prejudicado pelos maus efeitos de um regime impróprio. Um estômago perturbado, produz um estado perturbado incerto, da mente. Causa muitas vezes irritações, aspereza ou injustiça. Muitos planos que teriam sido uma bênção para o mundo têm sido postos à margem; têm sido levados a efeito muitas medidas injustas, opressivas, cruéis mesmo, em resultado de estados mórbidos devidos a hábitos errôneos na alimentação.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 226.

“Entre os maiores perigos para as nossas instituições de saúde está a influência dos médicos, superintendentes e auxiliares que professam crer a verdade presente, mas nunca assumiram integralmente atitude firme quanto à reforma pró-saúde. . . . Nesse ponto é preciso haver um reavivamento; pois Deus pretende realizar muito por êsse intermédio.” — *Counsels on Health*, pág. 261.

“O Senhor deseja que Seu povo esteja em harmonia uns com os outros. Como deveis saber, nós não abandonaremos a atitude que, nos últimos trinta e cinco anos, [escrito em 1902], o Senhor nos tem convidado a assumir. Acautelai-vos de vos não pordes em oposição à obra da reforma pró-saúde.

repitam com ainda maior pujança do que naquela ocasião . . . Então, como por ocasião do Pentecostes, o povo ouvirá a verdade que lhes fôr falada, cada pessoa em sua própria língua. . . . A milhares de vozes será concedida a faculdade de proferir as maravilhosas verdades da Palavra de Deus. A língua que tartamudeia será desprendida, e o tímido será tornado em ardoroso.” — *The Review and Herald*, 20 de julho de 1886.

Ela avançará. . . . Êle [Deus] é desagradado quando Seus servos atuam em oposição à mensagem neste ponto, que lhes deu para ser dada a outros. Pode Êle agradecer-Se se a metade dos obreiros que trabalham num lugar ensinam que os princípios da reforma pró-saúde estão tão intimamente unidos à mensagem do terceiro anjo quanto o braço ao corpo, enquanto seus coobreiros, por sua prática, ensinam princípios que são inteiramente opostos? À vista de Deus isto é considerado pecado.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 38.

Não Amesquinhar a Reforma pró-Saúde ou Fazer-Lhe Oposição

“Conquanto não façamos da alimentação cárnea prova de disciplinado, conquanto não queiramos forçar pessoa alguma a abandonar o seu uso, é dever nosso, porém, solicitar de cada ministro da Associação que não amesquinhe a mensagem da reforma pró-saúde nem faça oposição nesse ponto. Se, em face da luz concedida por Deus no tocante ao efeito da alimentação cárnea sôbre o organismo, ainda prosseguis comendo carne, deveis sofrer as conseqüências. Não assumais, porém, perante o público, atitude que lhes permita pensar que não é necessário concitar a uma reforma quanto à alimentação cárnea; pois o Senhor está convidando a uma reforma. . . . Na neutralização dos esforços de vossos coobreiros, que ensinam a reforma pró-saúde, estais deslocados, agindo no lado mau”. — *Idem*, pág. 401.

“Sêde cuidadosos com a atitude que assumis, para que não sejais achados como causantes de divisão. Meu irmão, mesmo que deixeis de conquistar para vossa vida e para vossa família a bênção advinda de seguir os princípios da reforma pró-saúde, não prejudiqueis a outrem opondo-vos à luz concedida por Deus nesse assunto.” — *Counsels on Diet and Foods*, pág. 38.

“Têm havido contínuas reincidências no êrro, no tocante à reforma pró-saúde, e, como resultado, Deus é desonrado por uma grande falta de espiritualidade. Têm sido erigidas barreiras que nunca teriam sido vistas se o povo de Deus houvesse andado na luz.

“Permitiremos nós, que temos tido tão grandes oportunidades, que o povo do mundo avance à nossa frente na reforma pró-saúde? . . . Tornar-se-á a nossa incoerência objeto de desprezo?” — *The Review and Herald*, 27 de maio, 1902.

“Que nenhum de nossos ministros dê um mau

exemplo quanto a comer alimento cárneo. Vivam eles e suas famílias à luz da reforma pró-saúde. Não animalizem os nossos ministros a própria natureza nem a de seus filhos.” — *Counsels on Diet and Foods*. — Págs. 399 e 400.

“Refreai-vos, mantendo o vosso apetite sob controle estrito, e depois entregai-vos às mãos de Deus. Prolongai a vossa vida por meio de cuidadosa fiscalização de vós mesmos.” — *Idem*, pág. 162.

“Muitos de nossos ministros estão cavando com os dentes a sua sepultura. Ao cuidar da carga imposta aos órgãos digestivos, o organismo sofre, e um ônus pesado recai sobre o cérebro. Por todo delito cometido contra as leis da saúde, o transgressor tem que pagar a penalidade em seu próprio corpo.” — *Testimonies*, Vol. IV, págs. 408 e 409.

“Os homens que estão empenhados em transmitir ao mundo a última mensagem de advertência, mensagem que deve decidir o destino das almas, devem fazer na própria vida a aplicação prática das verdades que pregam aos outros. Devem ser exemplos para o povo no seu comer e beber. . . . A glotonaria, a condescendência com as paixões inferiores, e pecados revoltantes, são encoberdos sob a capa de santidade por muitos professos representantes de Cristo em todo o mundo. Homens há, de excelente capacidade natural cujo trabalho não produz a metade do que poderia sê-lo se fossem temperantes em todas as coisas. A complacência com o apetite e as paixões tolda a mente, diminui a força física e enfraquece a faculdade moral. Seus pensamentos não são claros. Suas palavras não são proferidas com poder, não são vitalizadas pelo Espírito de Deus de forma a que atinjam o coração dos ouvintes.” — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 162 e 163.

“Este assunto não deve ser considerado como inútil; pois quase cada família precisa ser estimulada nesse particular.” — *Idem*, pág. 451.

“Nossos ministros devem tornar-se entendidos quanto à reforma pró-saúde. . . . Eles devem compreender as leis que regem a vida física, e sua ação sobre a saúde da mente e da alma. . . . Os ministros têm aí uma obra a fazer. Quando eles se colocam a esse respeito na devida posição, muito será conseguido. Devem obedecer às leis da vida em sua maneira de viver e em sua casa, praticando os seus princípios, e vivendo higiênicamente. Então estarão habilitados a falar acertadamente a esse respeito, levando o povo cada vez mais acima na obra da reforma. . . .

“Os presidentes de nossas Associações devem compreender que é bem tempo de eles tomarem a devida posição neste assunto. Ministros e professores devem transmitir aos outros a luz que têm recebido.” — *Obreiros Evangélicos*, pág. 228.

“Nossos ministros devem tornar-se entendidos neste assunto. Não devem desatendê-lo, nem ser desviados pelos que os chamam extremistas. Descubram eles o que constitui a verdadeira reforma pró-saúde, e ensinem os seus princípios, tanto por preceito como por exemplo sereno e coerente.” — *Counsels on Health*, pág. 449.

“O evangelho da saúde possui advogados capazes, mas o seu trabalho tem sido muito dificultado por culpa de muitos ministros, presidentes de Associações, e outros que ocupam cargos de influência, e não deram à questão da reforma pró-saúde a devida atenção.” — *The Review and Herald*, 20 de junho, 1899.

“Por que alguns de nossos irmãos administradores manifestam tão pouco interesse na reforma pró-saúde? É porque as instruções sobre a temperança em todas as coisas se opõe à sua prática de satisfação dos próprios apetites. Em alguns lugares isso tem sido a grande pedra de tropeço no nosso caminho de levar o povo a pesquisar, praticar e ensinar a reforma. Homem nenhum deve ser incumbido de ensinar o povo enquanto seu próprio ensino ou exemplo contradiga o testemunho que Deus deu aos Seus servos para serem portadores no tocante à saúde, pois isso trará confusão. Sua desconsideração para com a reforma pró-saúde incapacita-o para ser o mensageiro do Senhor.” — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 453 e 454.

“Enviai às igrejas obreiros que vivam os princípios da reforma da saúde. Sejam enviadas pessoas que sintam a necessidade de abnegação no apetite, do contrário serão um laço para a igreja. Vede, então, se não permeará nossas igrejas um sópro de vida. Importa introduzir na obra um novo elemento.” — *Test. Sel.* [Ed. mundial], Vol. II, págs. 504 e 505.

“Os que são Sustentados pelo Dízimo”

“Dará qualquer dos ministros do evangelho, que proclama a mais solene verdade já dada aos mortais, o exemplo de retornar às panelas de carne do Egito? Permitir-se-ão os que são sustentados pelo dízimo do tesouro divino, que por sua complacência envenenem a corrente doadora de vida que lhes flui nas veias? Desprezarão a luz e as advertências que Deus lhes concedeu? . . . Se o estômago não é devidamente tratado, será prejudicada a formação de um caráter moral reto. O cérebro e os nervos estão em afinidade com o estômago. Errôneos comer e beber resultam em errôneos pensar e agir.” — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 404 e 405.

“Os que usam alimento cárneo menosprezam todas as advertências dadas por Deus concernentes a este assunto. Não têm eles prova de que estão trilhando caminhos seguros. . . . Podemos nós ter absoluta confiança em ministros que, em mesas em que é servida carne juntam-se a outras pessoas para comê-la?” — *Pacific Union Recorder*, 9 de outubro, 1902, pág. 13.

“Há uma responsabilidade solene que pesa sobre todos, especialmente sobre os ministros que ensinam a verdade, de vencer no assunto do apetite. Sua utilidade seria muito maior se exercessem controle sobre seus apetites e paixões. . . . Seus pensamentos e palavras fluiriam mais livremente, seus cultos religiosos seriam mais avigorados, e mais acentuadas as impressões feitas sobre os ouvintes.” — *Counsels on Diet and Foods*, págs. 54 e 55.

(Continua)



NOTAS E NOTÍCIAS

O Comentário Bíblico Adventista

ACABAMOS de receber uma circular do redator do Comentário Bíblico que a igreja adventista está publicando, cujos quatro primeiros volumes já apareceram.

Por ela relacionados com uma empresa de tal magnitude, inteiramo-nos de alguns dados interessantes que desejamos partilhar com os leitores de *O Ministério Adventista*. O tempo empregado pelos leitores de provas do volume IV soma 11.025 horas. Este total fala, em forma eloqüente, dos cuidados tomados na preparação de uma obra dessa índole. Calcula-se que os sete volumes requererão as horas de trabalho equivalentes às de um operário durante todo um século. A única forma possível de ter o *Comentário* pronto em cinco anos, é pelo esforço combinado de umas cinqüenta pessoas, entre redatores e outros obreiros especializados em certos setores, os quais colaboram nesta magna tarefa. Até que o manuscrito chegue ao prelo, cada linha e cada palavra é lida por vinte e dois pares de olhos. A seção referente ao livro de Daniel foi lida por 114 pastores e professores adventistas disseminados por todo o mundo.

Atualmente se está trabalhando no preparo do volume V, que se espera ter pronto para fins do ano corrente. A obra completa estará terminada em fins do ano 1957. Em conformidade com o plano inicial, cada volume iria ter 1.000 páginas, mas agora parece que o número total de páginas dos sete volumes será de umas 8.000, ou seja, o equivalente a oito volumes.

O *Comentário Bíblico Adventista* já chegou às mãos de certos teólogos eminentes, e até agora temos em mãos a opinião de dois deles, um protestante e outro católico, que daremos a conhecer a seguir, em forma abreviada:

"Alguns dos artigos gerais serão lidos com proveito, mesmo por quem não partilha de seu ponto de vista; o comentário de versículo por versículo é completo e, por certo, muito não leva o selo especial que distingue os promotores da publicação.

"Há artigos úteis sobre o fundo histórico da era patriarcal e a vida diária durante a mesma. Atenção especial foi prestada à cronologia, adotada a data do século XV para o livro do Êxodo. Os autores estão familiarizados com a arqueologia moderna e cingem-se a uma erudição conservadora, o que fará com que esta obra possa ser consultada com proveito sobre muitos tópicos.

"Há anotações cuidadosas sobre um bom número de assuntos, tais como a cronologia de Esdras e Neemias, em que é mantida a ordem tradicional. Há quatro artigos gerais bons neste volume (3º.), referentes à poesia hebraica, aos instrumentos musicos mencionados na Bíblia, o fundo histórico do

período 586-400 A.C. e a cronologia do exílio e da restauração. A utilidade do *Comentário* não se limita de forma alguma aos leitores que partilham de seu ponto de vista."—Conceito crítico de H. H. Rowley, da Universidade de Manchester, em *The Society of Old Testament Study, Book list 1955*, págs. 36 e 37.

"A apresentação é magnífica: contém os melhores mapas, impressão nítida, divisão inteligente da matéria, encadernação artística, bem como forte.

"A obra destina-se ao uso de seus próprios correligionários: instrutores bíblicos, pregadores, seminaristas e leigos estudiosos. O objetivo dos editores é prover para seus correligionários um comentário coerente com sua fé e, por outra parte, iluminar os textos bíblicos com as conclusões da arqueologia e história modernas. Os diversos assuntos são apresentados sem especulação alguma, usando linguagem acessível a toda pessoa culta. Foi evitado cuidadosamente o emprêgo dos termos técnicos no sentido estritamente teológico.

"A história da arqueologia do Oriente Próximo está apresentada em forma clara e suficientemente ampla, além da história extra-bíblica que abrange o livro do Êxodo, situada no século XV A.C. Digno de nota nesta parte da obra é a excelente descrição da vida patriarcal.

"Sendo que a cronologia 'é a alma da história', dedica-se-lhe atenção cuidadosa. Esta parte da obra realmente sobressai em seu gênero e de nenhuma maneira é inferior ao melhor tratado de história do Velho Testamento.

"A terceira parte da obra tem uso exclusivamente adventista, visto crerem que a Sra. Ellen G. White foi dotada de genuíno espírito profético.

"Louvável é o fervor dos editores de promover a compreensão da Sagrada Escritura, e a obra em questão muito contribui para esse propósito. Não obstante, não cremos que ninguém, além dos próprios adventistas, aceite a exposição literal que os autores dão aos onze primeiros capítulos do livro de Gênesis, especialmente à luz de algumas conclusões inquestionáveis da geologia e paleontologia modernas. A maior parte da obra, porém, caracteriza-se por sua solidez e seriedade. É digna de louvor a aplicação das conclusões da arqueologia e história modernas para dar maior clareza ao texto sagrado."—Viliam Pavlovsky S. J., em *Verbum Domini*, Vol. XXXIII (1955), págs. 175-177. (Este periódico é publicado em Roma pelo Instituto Bíblico Pontifical, que é a casa de estudos para assuntos relacionados com a Bíblia, de maior hierarquia da Igreja Católica.)—W. E. M.